



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA PORTUGUESA



MARIA JOSÉ LIMA

A INFÂNCIA À LUZ DO DISCURSO DA CRIANÇA

Picos-PI
2018

MARIA JOSÉ LIMA

A INFÂNCIA À LUZ DO DISCURSO DA CRIANÇA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Piauí- Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para a obtenção de grau em licenciado em Letras.

Área de concentração: Análise do Discurso

Orientadora: Ma. Luciana Maria de Aquino

Picos-PI
2018



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cicero Duarte N° 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 10h horas do dia 28 de junho do ano de dois mil e dezoito, na sala 803, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência do Prof. Luciana Maria de Aquino, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria do aluno Maria José Lima, do curso de Letras desta Universidade com o título,

A infância à luz do discurso da criança

A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Luciana Maria de Aquino (orientador –presidente), Prof. Fernanda Martins Luz Barros (1º examinador) e Prof. Edilane Vitorino Cardoso (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: nove e meio (EXTENSO); nove e meio (EXTENSO) e nove e meio (EXTENSO). Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral nove e meio (EXTENSO). E para constar, eu, Luciana Maria de Aquino, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 28 de junho de 2018.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Luciana Maria de Aquino
Presidente

Fernanda Martins Luz Barros
1º examinador

Edilane Vitorino Cardoso
2º examinador

L732i Lima, Maria José.
A infância à luz do discurso da criança.. / Maria José Lima. – 2018.
83 f.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras / Português) –
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.
Orientador(A): Profa. Ma. Luciana Maria de Aquino.

1. Análise do Discurso. 2. Infância. 3. Discurso - Criança. I. Título.

CDD 401.41

Dedico cada letrinha presente neste trabalho à minha flor amada, que mesmo não estando aqui fisicamente sempre foi minha principal referência de vida, com ela aprendi que ajudar o próximo é a melhor opção para nos tornarmos humanos. Mamãe, agradeço ao Senhor pelo tempo que passamos juntas, serás eternamente minha Rosa, desabrochando em cada possibilidade de um novo amanhecer.

In. Memoria

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado Deus, por nunca ter me abandonado durante a caminhada, mesmo quando eu em minha insignificância e ignorância não era digna do seu amor, ficaste ao meu lado, colocando-me no colo. Senhor, sei que nenhuma palavra é capaz de significar tudo o que fizeste por mim, mas externo minha gratidão a ti por zelar por minha vida e colocar cada uma dessas pessoas que fazem parte da minha trajetória nela, agradeço ao Senhor por essas dádivas. Caso em meio a essa tentativa de agradecer eu esqueça de alguém, peço perdão por isso, mas prefiro esquecer na pressa o nome de uma ou duas pessoas e mantê-las em meu coração e nas orações que faço, do que deixar de agradecer a maioria. Se seu nome não aparecer aqui, não se importe, ele está gravado em meu coração.

A minha tia Socorro e ao tio Bernardo, obrigado por terem assumido a responsabilidade de cuidar de mim quando minha Mamãe partiu para junto do pai. Tia, você me acolheu em sua casa, mesmo sabendo que eu era uma garotinha muito indisciplinada se dispôs a me educar, a ensinar princípios, foi por meio dos seus ensinamentos que aprendi a importância de uma vida em comunhão com Deus. Agradeço a senhora e aos seus filhos, Simone, Simeire, Silvaneide, Sivanildon e Sionilson pela acolhida.

Mãe Claudia sou grata por ter aceitado eu te chamar de mãe, foi uma forma que eu encontrei de conservar Mamãe Rosa dentro de mim. Meus irmãozinhos, obrigado por estarem comigo sempre, compreendo o jeito de vocês amarem, e haja amor para aguentar os meus abusos, os apelidos e minha linda voz ao cantar. Thaisa, Gleyciane, José Roberto, Suely, Wellington (meu irmão pai), Santana e Maria dos Remédios amo vocês.

Meus amados sobrinhos, agradeço vocês por existirem na minha vida, não pensem que porque vos amo aceitarei som ou tv com volume alto, claro que a tia vai abaixar o volume, não é Fredson, Francisco, Wermerson e Werlison. Nicolas você será a próxima vítima, mãe já me alertou que você adora um furdunço. Deixa eu chegar em Codó, se não diminuir o volume do som, titia não levará você para passear, brincadeira, te amo.

Carlos Eduardo e Marina Vitória, como costume dizer, vocês são os meus sobrinhos filhos. Marina, mesmo você tendo partido para ir morar com Jesus, como diz o Eduardo, você sempre será minha bonequinha linda. Carlos Eduardo, meu lord, eu o chamo assim, e ele quando pequeno me chamava de lorda, jamais esquecerei nossa musiquinha “ Você é meu amorzinho, você é meu amorzão, você é meu chuchuzinho e mora no meu coração.” Meu anjo, obrigado

por confiar em mim sempre, ao ponto de chegar a acreditar que eu seria capaz de ensiná-lo a voar como os pássaros. E eu topei o desafio, ensinando-o a voar tendo como asas os livros.

Agradeço a todos os meus professores, que por meio de seus ensinamentos me estimularam a alçar voos mais altos, Tia Betânia Rocha obrigado por ter me ensinado as primeiras letrinhas; Tia Zelinha, jamais esquecerei da sua generosidade para comigo, obrigada por se preocupar com a menininha da dona Rosa; Tia Raimundinha, agradeço sua atenção e carinho; professor Cícero, valeu por ter me incentivado a vencer minha timidez, Mary Joe agradece ; professora e amiga Ivonete, obrigado por confiar em mim desde sempre. E por fim agradeço a professora Alicemar de Jesus Costa, obrigado por segurar minhas mãos e andar comigo pela sala, quando em meio a minha timidez e nervosismo eu não conseguia conjugar os verbos. Com essa atitude a senhora me mostrou a importância de sermos o apoio para aqueles que estão no início da caminhada.

Werbson e Manoel, amigos para vida toda, obrigado por fazerem parte da minha história, adoro nossas conversas, só não gosto muito da redundância do Manoel ao falar e da paciência exacerbada de Werbson, mas tudo bem, faz parte.

Agora faremos o nosso pouso na UFPI-Campus de Picos, só de pensar que vim para Picos porque o moço que vende as passagens das vans me disse “Picos fica do lado de Teresina” e eu na minha inocência acreditei. Só perdoei este cidadão, porque aqui tive a oportunidade de crescer e conhecer pessoas maravilhosas, como a professora Alvenir Barros e o professor Evandro, eles autorizaram um grupo de estudantes a morarem na Residência Universitária do Campus, isso quando o Núcleo de Assistência Estudantil não estava ativado ainda, muito obrigada. Agradeço também ao Núcleo de Assistência Estudantil, na pessoa da psicóloga Izabelly Costa por todo apoio e incentivo.

Não poderia deixar de agradecer à professora conversadeira e animada, Renata Monteiro, pelo apoio e acolhimento quando eu cheguei em Picos, agradeço à atenção e preocupação dispensada a uma desconhecida. Outro ser humano lindo que conheci foi Dona Puri, agradeço o carinho com qual me trata sempre, obrigada por perguntar “ Maria você quer café? ” És um amor... São pequenas atitudes como essa que revelam nosso cuidado com o próximo.

Agradeço aos professores do meu lindíssimo Curso de Letras por serem estímulo e exemplo em minha vida acadêmica, Reliquinha (Prof. Egito) levarei o senhor em meu coração, sua sabedoria me encanta e sua humildade alegra minha alma. Professora Fernanda , filha de Picos e da UFPI, és um exemplo para nós, pense numa pessoa sincera... 1,2 ,3 Fernanda.

Professor Beto, adoro os passeios pela Literatura, ainda bem que não fiquei perdida no bosque, consegui sair dele. Professor Thiago, agradeço sua confiança em mim e o apoio durante a caminhada, e principalmente a amizade. Professora Cristiane, admiro sua desenvoltura ao nos ensinar a analisar o texto literário. Professor Juscelino, adoro seu senso de humor. Professora Edilane, valeu por ter nos ensinado como a literatura revela e ao mesmo tempo exclui as minorias, foi um passeio e tanto as suas aulas, de Roma à África, merci. Professora Luciana Aquino, aguarde ...

Agradeço à turma 2014.1, em especial ao Quarteto Fantástico, formado por quatro heroínas bem anormais. Naira a irmã maluquinha; Dionyella, a nerd desajuizada; Fernanda, a pequena grande sincera e eu Maria, a descontrolada. Juntas sempre, seja para sorrir, brigar, pagar mico, fazer trabalho, dá trabalho, não importa, estamos sempre juntas. Amores adoro vocês, minhas irmãzinhas.

Eva, Robers, foi um prazer conhecê-los adoro nossas comissões, as brigas por conta da metodicidade de uma pessoa acolá, só não vou dizer que é o Roberjasson.

Luciana, Fabrício agradeço imensamente a paciência de vocês comigo, obrigada por terem sido luz no momento em que eu passava pelo vale da depressão e ansiedade...

Rayla Mônica, minha amiga e companheira das escritas poéticas, obrigado por compartilhar sua sensibilidade artística comigo.

Daniela Rosa e Gláucia, como posso agradecer a vocês? Todo agradecimento seria pouco, sempre se preocupando comigo, aconselhando, dando-me forças quando as minhas pernas já fraquejavam. Obrigado por serem instrumentos do Deus Altíssimo em minha vida, com vocês aprendi muito sobre o ser cristão e tirei uma lição, do que vale falarmos de Cristo se o que vivemos não ter nada a ver com ele. Rosa e Gláucia, vocês são sal da terra e luz do mundo.

Por fim, agradeço a minha orientadora, Professora Luciana Aquino. Professora, foi graças a senhora que eu não desisti de fazer o meu projeto acerca do discurso da criança, pois há princípio existia a ideia, porém não sabia como executá-lo, aí a senhora disse “ Você pode pedir para as crianças fazerem uma produção escrita sobre o tema. ” Com essa sugestão pude manter o meu sonho de pesquisar essa temática...Professora agradeço sua orientação, paciência e tolerância para comigo. Peço perdão pela minha teimosia durante essa caminhada. Com a senhora aprendi que a paciência é o caminho para a prática docente, ora a paciência, uma das características marcante do amor de Deus.

De longe me aparecia o Senhor: “Amo-te com eterno amor e por isso a ti estendi meu favor.”

Jr : 31,3

Ao Contrário, As Cem Existem

A criança
é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender
cem mundos
para descobrir
cem mundos para inventar
cem mundos para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(depois cem, cem, cem)
Mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e não falar
de compreender sem alegrias
De amar e maravilhar-se
Só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir um mundo que já existe
E de cem roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.
Dizem-lhe enfim:
que as cem não existem.
A criança diz:
ao contrário, as cem existem.
Lóris Malaguzzi

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa acerca do discurso da criança sobre a infância, sendo esta uma das fases da vida humana, decidimos conversar com seus protagonistas acerca dessa temática. Assim, visitamos uma escola da rede particular de ensino e solicitamos que as crianças produzissem textos sobre ser criança. Elas utilizaram a linguagem verbal e não verbal em suas produções textuais e expuseram sua opinião sobre a infância. Para analisarmos o *corpus* dessa pesquisa nos apoiamos no construto teórico da Análise do Discurso de Linha Francesa representadas por Charaudeau (2016); Maingueneau (2015); Orlandi (2015). E referente aos estudos de outras áreas sobre a infância, temos Àries (2016) e Boyd & Bee (2011) e no campo de aquisição da linguagem embasamos a pesquisa em Kato (1998) e Kail (2013). Portanto, a criança constrói seu discurso tendo como base suas experiências, ocasionando o surgimento da formação discursiva temática de entidades em que a infância é vinculada à família, ao ato de brincar, à ausência de responsabilidade e preocupação. Em suma as crianças se percebem como crianças por meio da família.

Palavras Chaves: Análise do Discurso. Infância. Discurso da Criança.

ABSTRACT

The present work is the result of a research about the discourse of the child on childhood, being this one of the phases of human life, we decided to talk with its protagonists about this theme. So we visited a private school and asked the children to produce texts about being a child. They used verbal and non-verbal language in their textual productions and exposed their views on childhood. To analyze the corpus of this research, we rely on the theoretical construct of the French Line Discourse Analysis represented by Charaudeau (2016); Maingueneau (2015); Orlandi (2015). And regarding the studies of other areas on childhood, we have Aries (2016) and Boyd & Bee (2011) and in the field of language acquisition we base the research on Kato (1998) and Kail (2013). Therefore the child constructs his discourse based on their experiences, leading to the emergence of the thematic discursive formation of entities in which childhood is linked to the family, the act of playing, the absence of responsibility and concern. In short, children perceive themselves as children through the family.

Key Words: Discourse Analysis. Childhood. Discourse of the Child.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Esquema do Modo Argumentativo	35
Figura 2 . Como é bom ser criança	60
Figura 3 É proibido trabalhar	61
Figura 4 Universo Infantil	62
Figura 5 Família	63
Figura 6 Ravena, eu e mãe	64
Figura 7 B, seus avós e tia Maria	65
Figura 8 Brincando e Estudando	66
Figura 9 Minha Família	67
Figura 10 Relaxando com um bom livro	69
Figura 11 Jogando Bola com meu melhor amigo	70
Figura 12 E com seu tablete	70
Figura 13 Humm... Sou uma criança muito feliz	72
Figura 14 Ser Criança...Ser F	73
Figura 15 Capitão América, eu jogando bola com meu amigo	74
Figura 16 Eu gosto de ser criança	76
Figura 17 Jogando vídeo game	76
Figura 18 Homem de Gelo	77
Figura 19 Jogando bola com meu amigo	78
Figura 20 Minha Família	79
Figura 21 J e sua família	80
Figura 22Jogando Bola	81
Figura 23 Andando de Skate	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Situação de Comunicação.....	35
Tabela 2 Modos de raciocínio	38
Tabela 3 Resumo Do Dispositivo Argumentativo	41
Tabela 4 Resumo dos componentes da encenação argumentativa	42
Tabela 5 Resumo dos procedimentos da encenação argumentativa.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 NOS CAMINHOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	20
3 UM PASSEIO PELO UNIVERSO DA LINGUAGEM	45
4 AS PEGADAS DA INFÂNCIA	51
4.1 Na História	51
4.2 No Desenvolvimento Sociocognitivo	55
5 A INFÂNCIA À LUZ DO DISCURSO DA CRIANÇA	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	84

1. INTRODUÇÃO

Um olhar para o discurso vem sendo lançado há algum tempo, demonstrando uma preocupação com sua manifestação em diferentes contextos, como por exemplo, os discursos produzidos no período eleitoral, ou, por instituições religiosas. Ora, os analistas buscam detectar quais as principais ideias dos sujeitos analisados e como se comportam diante do outro naquele ambiente, em suma buscam identificar as liberdades e as restrições presentes neste espaço. Por conseguinte, aqui o discurso é concebido segundo Orlandi (2015) como um espaço em que a língua e a história corroboram para a construção dos sentidos.

Caminhar dentro da área da Análise do Discurso, doravante AD, é buscar observar esse jogo de interesses realizados pela língua e a historicidade, no qual o objeto investigado pelo analista do discurso revela por meio da materialidade linguística¹ as possibilidades de compreensão e interpretação relacionadas ao *corpus* selecionado, uma vez que não trabalha com uma noção inquestionável referente à verdade.

Este trabalho, tem como objeto de estudo o discurso produzido por crianças acerca da temática infância. O interesse da pesquisadora por este tema surgiu em 2014, ela confessa que naquele período não conhecia nenhuma teoria da AD. Neste período, mais precisamente no mês de janeiro, teve sua primeira experiência num ambiente escolar, foi auxiliar de classe na Educação Infantil em uma instituição particular de ensino, localizada na cidade de Codó Maranhão.

Lá manteve contato com diversas crianças, e pode constatar aquilo que já observava há algum tempo na fala dos pequenos, em especial a de um sobrinho, as crianças limitam suas falas de acordo com o espaço que se encontram e retomam nelas ideias presentes na história ou no meio em que vivem. Na tentativa de ser mais objetiva e elucidar o que propõe, ela cita três exemplos reais:

Ex₁: Tia vamos brincar? Do que? A criança solicitava que fingíssemos ter um telefone, assim ele ligava, e eu assumia o papel de secretária de um hospital da cidade de Caxias-MA, sendo responsável por agendar a consulta para uma criança que seria levada a este lugar pelos pais. (Brincadeira dialogada com uma criança na escola em que eu era auxiliar)

Ex₂: No último dia do Advento (período que antecede o natal), como nos ensina a tradição do Catolicismo, devemos ir à igreja para celebrarmos o Natal, o nascimento de Cristo.

¹ Nas últimas décadas os trabalhos de pesquisas em Análise do Discurso têm focado suas análises para além da materialidade verbal, analisando os aspectos não verbais como meios de representação de sentidos.

Neste dia disse ao meu sobrinho, vamos à igreja cantar os parabéns para Jesus. E ele responde: quando é o aniversário da Maria (mãe de Jesus)?

Ex₃: Professora: – Ao chegarmos em Picos, no momento de subirmos a serra, minha filha diz: Mãe você não pode subir? Então pergunto: você não confia em mim filha?

Filha: —Não, só no meu pai. (Relato adaptado de uma conversa que tive com uma professora)

Diante dos exemplos, é perceptível que a fala da criança emana sentidos, no Ex₁ a preferência pelo hospital da cidade de Caxias, mesmo morando em Codó, provavelmente está relacionada à precariedade no serviço de saúde oferecido em sua cidade. Já no Ex₂, temos um contexto religioso vinculado ao Catolicismo, no qual a criança identifica no seu contexto uma ausência de data para se comemorar o aniversário de Maria, ícone visto pelo garoto frequentemente na igreja. Subtende-se, se todos têm uma data de natalício específica, nunca fomos ao aniversário de Maria. Já no último exemplo, manifesta-se a preferência por um ser do sexo masculino ao dirigir, retomamos a associação deste anseio a ideia de segurança.

Em 2014 começou a cursar Letras na UFPI-Campus de Picos, já em 2015 no terceiro período pagou uma disciplina denominada de Linguística do Texto e do Discurso, e em uma dessas aulas a ministrante, professora Luciana Maria de Aquino, debatia conosco o livro *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, escrito por Orlandi. Num dos momentos da aula a docente comentou sobre os discursos para os quais não damos importância, ou ainda, que se quer consideramos discurso, e expôs, como exemplo, o discurso da criança, dialogando sua explicação com o pensamento de Michel Charolles² “ O discurso da criança tem sentido, nós que não entendemos. ”³ Nesta aula, relembrou as observações que fazia e decidiu o que gostaria de estudar o processo discursivo da criança, especificadamente o discurso da criança acerca da infância.

A infância vem sendo tema de diversas pesquisas com o intuito de compreender sua dimensão em um contexto histórico, social e cultural, normalmente esses estudos são realizados com dados disponibilizados por terceiros, como por exemplo, pais e professores. Contudo, a percepção que a criança tem sobre a infância, infelizmente, não é levada em consideração, em suma os recortes são feitos a partir da perspectiva do outro sobre a infância e não a partir do olhar de seus protagonistas. Diante de tais observações, o presente trabalho propõe trazer nossas crianças para falar um pouco sobre a infância, sobre o que é ser criança, tendo em vista que isso

²No texto “Introdução aos problemas da coerência dos textos”, Charolles (1997) defende que não há propriamente textos incoerentes.

³Notas 05/05 /2015 foi realizada a aula sobre Análise do Discurso

poderá nos ajudar a compreender muitas coisas, a lidar melhor com o comportamento delas e a entender suas motivações.

Partindo do campo de possibilidades de estudos oferecido pela AD, abordar a infância a partir da perspectiva da criança é propiciar a estes sujeitos um momento de protagonismo referente à fase da vida em que estão situados, ao impasse em que podem oferecer um *corpus* capaz de permitir investigar qual o seu pensar sobre o tema, o que é delimitado aqui como objetivo geral. Além deste, constitui-se como objetivo específico identificar as influências do ambiente externo na sua forma de interpretar a construção simbólica da infância revelada através do discurso. Deste modo, o princípio metodológico deste trabalho está ancorado na proposta da Análise do Discurso de Linha Francesa, tendo como norte os teóricos: Charaudeau (2016), Orlandi (2015) e Maingueneau (2015). E referente aos estudos de outras áreas sobre a infância, temos Àries (2016) e Boyd & Bee (2011) e no campo de aquisição da linguagem embasamos a pesquisa em Kato (1998) e Kail (2013).

Assim, além da pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa de campo, tendo como sujeitos crianças com idade entre oito e nove anos, que cursam o 3º ano do Ensino Fundamental I de uma escola da rede particular de ensino da cidade de Picos-Piauí por meio de produção textual sobre o tema infância, além da observação e de conversas informais com as crianças. No primeiro momento, foi realizado o contato com a escola para saber se esta aceitava a realização de uma pesquisa em suas dependências, após o aceite a docente responsável pela turma disponibilizou uma relação com o nome dos educandos e a data de nascimento, além disso, deu dicas de como abordar as crianças para que estas participassem da pesquisa.

Trazer o discurso da criança para o campo de estudo da Análise do Discurso não foi tão fácil, pois há carência de pesquisas na área. Em muitos casos, o discurso é apresentado apenas como um momento de comunicação oral, deixando-se de lado a produção de sentidos para focar nos aspectos estruturais da língua. Ao olhar para o discurso da criança a partir de uma perspectiva da AD, a criança passa a ser concebida como um sujeito da língua, não um usuário. Assim, compete ao analista navegar pelas diversas possibilidades de compreensão fornecidas pelo discurso da criança.

A pesquisa será apresentada da seguinte maneira: no capítulo I *Nos caminhos da Análise do Discurso*, são apresentados conceitos fundamentais da AD que serviram para embasar este trabalho. Já no cap. II *Um passeio pelo universo da linguagem*, são abordadas algumas teorias acerca da aquisição da linguagem. Enquanto no cap. III *As pegadas da infância...*, é explanada a visão sociológica e sociocognitiva acerca do tema. E no cap. IV *A*

infância à luz do discurso da criança, está a análise dos dados e os resultados obtidos. Por último temos as considerações finais. Por fim, esse trabalho propõe ampliar o debate e contribuir como fonte de pesquisa para outros estudiosos que se debruçam sobre essa temática.

2. NOS CAMINHOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

*O essencial é invisível aos olhos*⁴

Antoine de Saint-Exupéry

A Análise do Discurso tem em sua criação a presença de vários teóricos, como Foucault, Harris, Pêcheux e Wittgenstein . Não há como atribuir a paternidade desta ciência a um genitor específico, os estudiosos citados anteriormente são colaboradores desta área que, por meio de suas teorias, propuseram um olhar diferenciado às pesquisas linguísticas, pois a língua deixou de ser observada apenas em suas dimensões estruturais e passou a ser analisada em uma perspectiva histórica de multiplicidade dos sentidos ocasionada pela existência de um sujeito, o local em que ele se encontra e as condições existentes para o uso da língua.

No ano de 1952, o linguista americano Zellig S. Harris utilizou pela primeira vez nos estudos linguísticos a expressão análise do discurso em seu artigo “Discourse Analysis” . Neste artigo, Harris apresentava o discurso como uma unidade linguística formada por frases, ou, seja, sua pesquisa tinha um caráter estruturalista e buscava perceber a ocorrência de pronomes e de algumas categorias gramaticais. Além disso, buscava vincular o resultado obtido a circunstâncias sociais específicas. A proposta de Harris na década de 50 se distancia dos princípios adotados pela AD atualmente, como nos afirma Maingueneau (2015, p.16)

Nesse ponto, a atitude de Harris se aproximou do estruturalismo literário francês dos anos de 1960, que postulava ser necessário começar uma análise “imane” do texto, e depois, fazer corresponder a “estrutura” assim extraída a uma realidade sócio-histórica situada fora do texto. Tal procedimento estava muito longe das problemáticas atuais do discurso, que recusam a própria oposição entre um interior e um exterior dos textos. Assim, a referência a Harris está longe de ter um valor fundado para a análise do discurso de hoje.

O século XX foi marcado pela *linguistic turn*, a virada linguística, naquele momento vários teóricos passaram a defender que o estudo da Linguagem deve preceder o estudo filosófico, entre eles temos Wittgenstein. Por influência dessa percepção, temos o trabalho de J.Austin sobre os atos de fala. Já no ano de 1960 deste mesmo século, surgiram concomitantemente a Linguística Textual e a Análise do Discurso. Os estudos realizados pela Linguística Textual permitiram que o analista dispusesse de instrumentos capazes de possibilitar a análise da estruturação do texto.

Em sua gênese a AD estava vinculada a três áreas de estudo: à Linguística, à Psicanálise e ao Marxismo. Para a Linguística, a linguagem é uma capacidade inata ao ser humano e

⁴In: O Pequeno Príncipe (2015, p. 46)

transparente, manifestando-se por meio de seu objeto, a Língua. Tal pressuposto é essencial para a AD que por meio de seus postulados apresenta a relação linguagem-pensamento-mundo. Não podemos pensar que essa relação é linear, direta, ela é atravessada pelos fatos sociais e históricos. Ao buscar os préstimos do Materialismo Histórico de Marx, apropria-se da ideia que homem participa da história na medida em que a constrói, contudo, assim como a linguagem, a história não é transparente. A junção da língua e da história é encontrada em um homem, e a soma desses ideais dá origem à forma linguístico-histórica. Diante disso, o homem, que é interpelado pela história, passa a ser chamado de sujeito. Nas lições de Orlandi (2015, p.17), temos o seguinte fenômeno

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como um acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história.

Diante das informações supracitadas, percebemos que a língua tem sua estrutura organizacional própria, porém, não é independente por excelência, já que é perpassada pela história e sua simbologia, capaz de emanar diversos significados. O sujeito responsável por colocar em cena tal situação é interpelado pela língua e pela história agindo de acordo com uma ideologia. Tal posicionamento da congruência da AD com o materialismo histórico propõe a certeza de o homem construir sua história, mesmo esta não sendo transparente.

A França foi o campo fértil para o desenvolvimento da Análise do Discurso, no ano de 1969 temos um incentivo para as produções nesta área, a revista francesa *Language* dedicou o nº 13 de sua publicação a este novo campo de conhecimento. Este número foi coordenado pelo linguista Jean Dubois e tinha como principal objetivo propor reflexões acerca do elo entre a língua e a sociedade.

Neste mesmo período, Michel Pêcheux, filósofo, marxista e pesquisador em um laboratório de Psicologia Social, lançou o livro *Análise Automática do Discurso*. Pêcheux ancorava suas pesquisas no Marxismo de Althusser e na Psicanálise de Lacan. Para ele não existe sujeito sem ideologia e o discurso seria o espaço ideal para observar essa relação.

Já Foucault, lança sua *Arqueologia do Saber*, propondo que se observasse o discurso sem que este mantivesse relação com a língua. Um campo mundial de estudos do discurso foi formado no ano de 1980. Em 1986 ⁵Van Dyk organiza a obra coletiva *Handbook of Discourse*

⁵ Este autor apresenta uma concepção de sujeito diferente da Análise do Discurso de Linha Francesa.

Analysis, esta foi dividida em quatro volumes. Nesta obra ele reuniu trabalhos diversos referente à AD.

A AD não comunga com a ideia de um processo comunicativo formado por: emissor, receptor, código, referente e mensagem, no qual esses elementos são capazes de atingir seu fim em si mesmo. Acreditamos que existe uma fonte de sentidos, agitada quando se coloca a linguagem em movimento, como nos afirma Orlandi (2015, p.19)

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam nessa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos pensar aí o discurso [...]

Os estudos nesta área estão para além de observarem os processos comunicativos, a AD objetiva analisar o funcionamento da linguagem por meio da análise da língua e sua relação com o simbólico, ambos sendo articulados por um sujeito situado em um tempo e um agora. Lapidando historicamente o sentido, revestindo-o, como nos lembra Maingueneau (2015), de um duplo alcance, nos fazendo vislumbrar um objeto de estudo ao passo que nos revela um determinado ponto de vista sobre ele.

Somos convidados a refletir sobre a localização da AD, ela está situada num ambiente onde a Linguística dá as mãos à Filosofia e às Ciências Sociais, ancorando-se na linguagem e em sua possibilidade de fazer sentido, quando se materializa na história. A AD está ocupada com os estudos da relação entre o sujeito e o sentido e, por conseguinte, da língua com a história, analisando cuidadosamente como os objetos simbólicos realizam a performance do sentido. Orlandi (2015, p.23) nos diz que o sentido é uma “relação a”, subtendemos assim, que sua efetivação ocorre a partir do posicionamento do sujeito e do local que este ocupa. Ela também postula o conceito do discurso como a produção de sentidos entre interlocutores.

Nessa caminhada vemos a AD como uma disciplina vinculada aos estudos do discurso, preocupada com a estruturação dos textos e seus locais de emergência. O discurso na linguagem verbal é capaz de se manifestar nos eixos sintáticos, fonológicos e morfológicos de uma determinada língua e na não verbal por meio de imagens e sinais. Entretanto, não devemos nos esquecer que o discurso é um jogo de aparência, ora ele se revela por meio da língua, e depois

quando convém se dissimula. Em seu constructo Maingueneau (2015, p. 47) apresenta o objetivo da AD e seu interesse

O interesse específico que rege a análise do discurso é relacionar a estruturação dos textos aos lugares sociais que os tornam possíveis e que eles tornam possíveis. Aqui, a noção de “lugar social” não deve ser apreendida de maneira imediata: pode se tratar, por exemplo, de um posicionamento em um campo discursivo (um partido político, uma doutrina religiosa ou filosófica). O objeto da análise do discurso não são, então nem os funcionamentos textuais, nem a situação de comunicação, mas o que os amarra por meio de um dispositivo de enunciação simultaneamente resultante do verbal e do institucional. [...]

Observamos o discurso com mais sutileza quando este se inscreve em suas limitações, nos obrigando a entender suas motivações, seus interesses específicos. Para tanto analisaremos o papel social de cada interagente e a posição ocupada por eles, pois isso determinará como os sujeitos irão se comportar. Ora, analisar um discurso é propor uma reflexão acerca dos espaços diferenciados, temos o dito e o não dito colaborando para a produção de sentidos, um posicionamento traz consigo a possibilidade de anular outro ou revelar intenções, o sujeito deve agir conforme as normas do jogo, caso contrário se perderá dentro de suas práticas discursivas.

Para Orlandi (2015) a AD busca compreender como um objeto simbólico, seja verbal ou não verbal, faz sentido, produzindo desse modo um material sobre como o texto permite as manifestações discursivas e suas possibilidades de interpretação entre o sujeito e o sentido, a este ato damos o nome de compreensão. Lembramos que um texto, unidade de análise, poderá trazer consigo vários discursos, aqui temos a participação essencial do analista, que decidirá qual destes serão a âncora de sua *corpora*. Para a AD o texto é a matéria significativa.

Maingueneau (2015, p. 25) nos propõe que o discurso é dotado de um conjunto de ideias-forças, a *leitmotivem*, essas premissas nos ajudam a compreender o que é o discurso e sua forma de articulação. A primeira delas se refere ao discurso como uma *organização além da frase*, em sua manifestação ele exige mais que uma exposição de uma frase, mobiliza as entidades históricas e a simbologia presente na língua. O discurso quando se apresenta como unidade transfática (frases) opera por meio de duas exigências: as regras que regularizam o gênero discursivo referente ao um grupo social que o indivíduo pertence e as que servem para direcionar os rumos que os gêneros tomarão. Já a segunda exigência afirma que o discurso é *uma forma de ação*, pois ao fazermos o uso da língua para a construção discursiva estamos agindo sobre o outro e não apenas expondo um ponto de vista.

A terceira ideia corresponde ao caráter *interativo* do discurso, pois o discurso se realiza entre dois ou mais parceiros, assim assume sua interatividade, ressaltamos que mesmo havendo a ausência de um interagente ou de um destinatário toda enunciação exige uma instância enunciativa, espaço de encenação do discurso. O discurso é *contextualizado*, esta é a quarta *leitmotivem*, parte do princípio de vinculação do discurso com o contexto, e fora deste ele tem seu sentido prejudicado.

Enquanto a quinta nos diz que o discurso é *assumido por um sujeito*, assim o discurso só é considerado discurso se for assumido por um sujeito, um *EU* capaz de se apresentar como fonte do dizer, situado em um tempo, em um lugar, resumindo EU-AQUI-AGORA, este EU também pode ser representado por uma instituição. O discurso é *regido por normas*, temos aqui a sexta premissa, cada prática discursiva exige normas que serão seguidas pelos sujeitos. A sétima nos diz que o discurso é assumido no bojo de um *interdiscurso*, só é possível compreendermos o discurso se o vincularmos a uma rede de outros discursos. Já a última ideia nos diz que o discurso *constrói socialmente o sentido* ininterruptamente na parceria dos sujeitos situados nas práticas sociais.

Ao fazer sua reflexão acerca dos sentidos, a AD trabalha em seu universo do discursivo por meio de categorizações, o discurso vira uma categoria quando é posto em cena pelos sujeitos a fim de produzirem enunciados e atenderem às suas necessidades, bem como os especialistas o categoriza em prol de seus objetivos específicos, um exemplo é o marqueteiro que se apropria do discurso publicitário para realizar seu trabalho. Segundo Maingueneau (2015), o analista do discurso se depara com três níveis de categorizações para realizar sua análise.

No primeiro momento compete ao analista propor uma reflexão acerca das categorizações realizadas pelos usuários da língua. O segundo é especificar em qual domínio da vida social o discurso está inserido, como por exemplo, se é em um ambiente hospitalar ou educacional, logo o analista determinará quais são as atividades discursivas propostas nestes ambientes. Já a terceira é identificar as unidades do discurso, elas estão divididas em dois grupos: as *unidades tópicas* e as *não tópicas*. Maingueneau (2015, p.65) afirma que

Uma distinção se impõe naturalmente entre dois tipos: as unidades que chamaremos *tópicas* (Maingueneau, 2003,2005), de alguma forma dadas, pré-recortadas pelas práticas sociais, e as que chamaremos *não tópicas*, construídas pelos pesquisadores. Por natureza, as unidades "*tópicas*" se situam no prolongamento das categorizações dos atores sociais, o que não significa que coincidam com elas. Elas se articulam em torno da categoria de *gênero de discurso*, entendido como instituição de fala, dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado: o jornal televisivo, a consulta médica, o roteiro turístico, a reunião do conselho de administração...

Mainueneau aponta as unidades *tópicas* como sendo oriundas das práticas de linguagem realizadas em um dado momento sócio histórico, já as *não* tópicos são determinadas pelo analista ao realizar a análise. De acordo com o autor dentro das categorias *tópicas* temos: *o gênero e tipos de discurso; valência genérica; agrupamentos por fontes e as singularidades textuais*. Enquanto no grupo das unidades *não tópicos* dispomos da *formação discursiva; formações discursivas de identidade; formações discursivas temáticas; temas e chaves: o pré-construído e o inédito; percursos; registros; procedimento integrador e procedimento texto-analítico*. Nos próximos parágrafos faremos uma explanação sobre cada uma delas de acordo com a ordem em que foram dispostas.

O *gênero do discurso* pode ser compreendido como as pequenas peculiaridades presentes em uma atividade discursiva que quando articulada com um *tipo de discurso* consegue empreender sentido, é o tipo de discurso religioso que pode ser manifestado por meio do gênero discursivo sermão, semanário litúrgico-catequético (espécie de jornal entregue na missa para que os fiéis acompanhem a programação litúrgica da igreja). Mainueneau (2015, p.66) nos apresenta à seguinte conclusão “[...] Tipos e gêneros de discurso estão, assim, tomados por uma relação de reciprocidade: todo tipo é uma rede de gêneros: todo gênero se reporta a um tipo.”

Existem três critérios de organização do gênero de discurso, *as esferas de atividade*, *os campos discursivos* e *os lugares de atividade*. As esferas de atividade correspondem ao local de origem do gênero discursivo, como por exemplo, os debates acerca da obesidade, comum na área de saúde. Já os campos discursivos são os locais onde observamos como o posicionamento dos sujeitos emerge, os colocando em conflito ou não, o campo discursivo acerca da obesidade pode ser uma palestra ministrada para profissionais da saúde. Enquanto os lugares de atividade são os locais institucionais onde o gênero está sendo exposto, o discurso acerca da obesidade pode estar sendo apresentado em cartilhas hospitalares referentes ao tema.

A valência genérica é o papel desempenhado pelo gênero durante algum momento histórico, a exclusão ou a permanência desse gênero dependerá da importância social dada a este. Ela está dividida em duas categorias, a da *valência interna* maneiras variáveis conforme a história e capazes de possibilitar que um texto seja comunicacional. Já a *valência externa* são as articulações do gênero de discurso pertencentes a uma mesma esfera ou lugar de atividade, ela é determinada pela perspectiva adotada pelo sujeito.

Os agrupamentos por fonte consistem na observação do enunciado por meio da fonte que o produz, busca-se perceber os princípios de identidade entre o texto e o seu produtor.

Assim os locutores são dispostos em três categorias *os locutores individuais, os locutores coletivos, e os autores*. Os locutores individuais são os integrantes do gênero discursivo que atuam como produtor, receptor ou como testemunha. Cabe ao analista observar em seus estudos com essas entidades como os locutores individuais se vinculam ao lugar de produção do gênero de discurso.

Consideramos como locutores coletivos os enunciados que não apresentam uma fonte específica do dizer de um indivíduo e sim de uma instituição, damos como exemplo os ministérios, as direções administrativas e membros de movimentos organizados, pois estes costumam assumir em sua manifestação um mesmo grito de força, impossibilitando em muitos casos que identifique quem é a fonte do dizer.

Existe um indivíduo que vincula a si uma obra, a este chamaremos de autor. Tal critério de classificação tem como consequência uma fonte do dizer com poucos representantes. Para Maingueneau (2015, p.76)

[...] Diferentemente do locutor ordinário, ele é o produto de uma construção coletiva que faz intervirem múltiplas instituições. Isso é particularmente evidente quando o autor é essencialmente conhecido por suas apresentações, que são convertidas por terceiros e difundidas sob forma de textos escritos ou audiovisuais. Podemos lembrar aqui os casos de Martin Luther, cujas coletâneas de pregações são vendidas nas formas de livros e de DVDS.

A autoria está intrinsicamente ligada à obra, sendo esta fruto de um conhecimento partilhado por uma comunidade, passível de inúmeras interpretações realizadas por seus sujeitos. Tanto o autor, quanto a obra são gestados por uma articulação institucional, como analista devemos perceber a transformação de uma obra em gênero de discurso, o porquê um autor se utiliza de tal obra ao invés de outra, observando ainda como isso repercute na relação com seus interlocutores.

O material analisado por um analista pode ser agrupado em uma quantidade grande de textos, ou seja, o *corpus*, neste ele consegue observar as singularidades textuais. Entretanto, ao optar pela análise de um único texto, ele limita-o a ser representante de um todo, perdendo consequentemente sua singularidade. Esse tipo de escolha relaciona-se com a ideia de um acontecimento que não recebeu uma atenção adequada em uma determinada análise. Com este parágrafo encerramos as discussões sobre as unidades tópicas propostas por Maingueneau e passaremos para as não tópicas.

O pesquisador observa as unidades tópicas para, depois, subtrair as não tópicas, pois estas são imprescindíveis para que ocorra a análise. A primeira unidade não tópica que veremos

é a formação discursiva que é limitada e construída pelo analista. Nas lições de Maingueneau (2015, p. 83) dispomos da seguinte afirmativa

[...] De fato, o interesse da noção de formação discursiva é exatamente permitir constituir *corpora* heterogêneos, reunir livremente enunciados originários de diversos tipos de unidades tópicas. Resulta disso que a formação discursiva não recobre uma realidade homogênea. Em função do critério em virtude do qual se reúnem textos que nela se integram, podemos distinguir diversos tipos de formação discursiva.

É por meio da formação discursiva que conseguimos situar a fonte do dizer e sua relação com o dito, que de acordo com suas características são agrupadas em três categorias, formações discursivas de identidade, formações discursivas temáticas e as formações discursivas plurifocais. Maingueneau (2015, p.86) nos convida a pensar que “[...] A concepção que se tem, conscientemente ou não, da unidade de uma formação discursiva, comanda de fato sub-repticiamente, todos os gestos do pesquisador.”

As formações discursivas de identidade estão relacionadas aos tipos de discursos e suas aparições em vários meios, um exemplo é o discurso teológico da Igreja Católica referente ao aborto, pode ser manifestado em uma reunião do clero, ou ser pauta de uma reportagem com vários especialistas dando sua opinião sobre a maneira que a igreja lida com essa situação. Aqui observamos por meio do exemplo que temos o discurso religioso, promovendo o surgimento de gêneros de discurso, como a reportagem.

Outra maneira de organizarmos uma formação discursiva é por meio de agrupamentos referente à sua fonte produtora, essa chamaremos de formações discursivas temáticas. Ela está subdividida em quatro categorias, as *entidades*, os *acontecimentos*, os *cenários* e os *nós*.

As formações discursivas agrupadas por entidades dão ênfase a pessoas ou a instituições, buscando observar como são construídas suas imagens e representações em uma situação específica. As entidades humanas podem ser um indivíduo específico, ao qual chamaremos de *figura*. Segundo Maingueneau (2015, p.89) “[...] Sem dúvidas, os pesquisadores consideram que elas dão acesso aos impensados da sociedade, que cumula de sentido quem resiste a suas categorias.”

Quando a formação discursiva gravita em torno de informações às quais são dadas grande ênfase, ela é denominada de *acontecimentos*, pois gera a publicação de várias notícias ou reportagens, que estão relacionadas a uma pessoa específica, a uma ação coletiva. Já as formações discursivas vinculadas aos cenários são os fatos associados a alguma possibilidade de uma ação específica, essa informação tende a se perpetuar durante algum tempo, citamos

como exemplo um suposto plano de ataque do Estado Islâmico para o Brasil. Enquanto, as formações discursivas *nós* são temas geradores de debate dentro de uma sociedade, elas se apresentam de duas formas as *questões* e os *problemas*.

Os *temas e chaves: o pré-construído e o inédito* gravitam em torno da escolha do tema da pesquisa pelo analista, que de acordo com seus anseios delimita seu objeto de estudo optando por um corpus diversificado, ou não, e ainda pode reunir em uma formação discursiva gêneros discursivos variados e analisá-la por meio do tema-chave explorando assim as pluralidades de sentidos relacionadas ao seu objeto de pesquisa. Já as formações discursivas *plurifocais* são aquelas organizadas pelo jornalista com mais de um tipo de discurso. As formações que vimos anterior a esta são todas *unifocais*.

Agora veremos o último grupo das unidades *não tópicas*, os *percursos* e os *registros*. Os *percursos* são unidades capazes de agrupar em torno de um *significante* uma variedade de sentidos. Maingueneau (2015, p. 95) nos expõe a ação realizada pelos percursos

[...] reúnem materiais heterogêneos em torno de um significante de dimensão vaiável (unidades lexicais, grupos de palavras, frases, fragmentos de textos, quando não textos), não para constituir um conjunto unificado por uma temática, mas para analisar uma circulação, para dar a medida de uma dispersão. Não se trata de procurar o “verdadeiro” sentido de certa expressão, mas, antes de tudo, de explorar uma disseminação. [...]

Com uma possibilidade vasta de obtenção de resultados o estudioso deve limitar seu campo de pesquisa. Dentro da análise ele observará o interdiscurso, relação também existente nas formações discursivas. Os percursos se dividem em *fórmulas* e *pequenas frases*. O conceito de fórmula presente na AD equivale às formulações presentes em determinadas situações sociais que evidenciam as diversas construções históricas e sociais, a fórmula é um rito de passagem obrigatoriamente realizado pelo discurso. As *pequenas frases* são enunciados pequenos retirados de um todo, divulgados pela mídia ganham destaques e possíveis formas de atribuição de sentidos.

Os registros são os materiais lexicais, enunciativos, textuais e sintáticos disponibilizados ao analista para ele fazer sua análise, temos como exemplo textos escritos, discurso político, e ETC. Essa categoria apresenta um caráter linguístico e um comunicacional. O analista dará ênfase ao registro comunicacional, pois estes se desenvolvem nas práticas sociais. Maingueneau nos apresenta os seguintes exemplos de registros: o cômico, o político, polêmico e ETC.

As diferenças das unidades tópicas e não tópicas também se apresentam nas formas de tratá-las. Os procedimentos são denominados de *integrador* e *procedimento texto-analítico* eles

nos possibilitam a identificação do discurso. Maingueneau (2015, p.101) afirma que o procedimento integrador

[...] tem uma afinidade natural com as unidades tópicas. Ele é inevitavelmente dominante. Consiste em pensar em termos de articulação no interior de uma totalidade. Para um gênero de discurso, por exemplo trata-se de articulações internas (quais são os componentes do gênero e quais são suas relações?) e de articulações externas (um gênero de discurso deve estar integrado a unidades mais vastas : lugares ou esferas de atividade, campos discursivos, redes de gêneros...) [...]

Percebemos que o procedimento integrador é a articulação entre os gêneros discursivos, articula uma unidade tópica a uma não-tópica. Enquanto o procedimento não-analítico não tem como objetivo uma articulação e sim observar as falhas presente em um discurso. Tanto o procedimento *integrador* e o *não-analítico* são importantes, pois nos ajudam a apreender as duas faces da discursividade.

Os discursos apresentam quatro modos de organização, o *enunciativo*, o *descritivo*, o *narrativo* e o *argumentativo*, que nos permite agrupá-los de acordo com os anseios comunicativos do sujeito. Mas afinal o que é comunicar? Segundo Charaudeau (2016, p.67) “Representamos o **ato de comunicação** como um *dispositivo* cujo centro é ocupado pelo **sujeito falante** (o locutor, ao falar ou escrever), em relação com um outro parceiro (o interlocutor).” Vimos que a comunicação a partir da definição do autor é assumida por um sujeito que coloca em cena os discursos.

Para a comunicação acontecer ela apresenta dispositivos, são estes: *a situação de comunicação*, *os modos de organização do discurso*, *a língua* e *o texto*. A situação de comunicação é o ambiente físico e mental onde se passa o ato comunicativo, este é ocasionado pela identidade psicológica e social dos parceiros comunicativos que mantêm um elo por meio de um contrato comunicativo. Os modos de organização do discurso foram explicitados no parágrafo anterior. A língua é o código verbalmente estruturado, dotado de forma e sentido. Já o texto é a manifestação material da língua pelo sujeito de forma consciente, ou, inconsciente. Ao realizar essa ação ele ancora sua produção aos demais dispositivos. Diante dos dispositivos do ato comunicativo Charaudeau (2016, p.68) nos traz o porquê comunicar é invocar uma encenação

“Comunicar” é proceder a uma encenação. Assim como, na encenação teatral, o diretor utiliza o espaço cênico, os cenários, a luz, a sonorização, os comediantes, o texto, para produzir *efeito de sentido* visando um público imaginado por ele, o locutor - seja ao falar ou a escrever - utiliza componentes

do dispositivo da comunicação em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor.

Como observamos o discurso ao acontecer é visto por meio de cenas representadas pelo sujeito falante. Os textos são agrupados de acordo com o que é encenado, possuindo um modo de organização do discurso, um gênero do discurso, ou mais que isso. A comunicação envolve uma *situação* e um *contexto*, que segundo Charaudeau (2016, p.69) “[...] postulamos que *contexto* é interno ao ato de linguagem e sempre configurado de alguma maneira (texto verbal, imagem, grafismo, etc.) enquanto *situação* é externa ao ato de linguagem, embora constitua as condições de realização desse ato.”

Dessa forma vemos a situação vinculada ao espaço social e físico no qual acontece a comunicação, enquanto o contexto é o meio textual de uma palavra, ou ainda, de um grupo de palavras. Possuímos o contexto linguístico e o contexto discursivo, sendo que o linguístico equivale às palavras que acompanham uma a outra dentro de um ato comunicativo. Já o contexto discursivo está relacionado aos atos de linguagem existentes em uma sociedade que intervém na produção de sentido, pois para isso é necessário que o sujeito falante compreenda o antecedente desse ato.

Charaudeau (2016) nos convida a observar a língua falada e a língua escrita de acordo com as necessidades de parcerias entre aqueles que se comunicam. Assim para a língua escrita ele propõe a situação monologal e para a falada a dialogal. Na situação monologal os parceiros não estão presente fisicamente para realizar o ato comunicativo que pode ser oral/escrito. O locutor não pode apreender os movimentos de seu interlocutor que pode organizar sua fala de maneira *lógica e progressiva*. Na situação dialogal os parceiros comunicativos estão presentes fisicamente, isso possibilita o diálogo face-a-face entre ambos, o locutor está parcialmente tendo sua fala lapidada a fim de deixar o ato comunicativo mais compreensível. Para expor como isso acontece em uma situação de comunicação Charaudeau (2016, p.73) propôs a seguinte tabela

Tabela 1 Situação de Comunicação

SITUAÇÃO	COMPONENTES SITUACIONAIS	CONSEQUÊNCIAS PARA O LOCUTOR	CONFIGURAÇÃO VERBAL

DIALOGAL	Presença dos parceiros	Percepção imediata pelo locutor das reações do interlocutor	<ul style="list-style-type: none"> • Ordem das palavras “afetiva”
	Contrato de troca	Locutor “à mercê” do interlocutor - antecipação, hesitação, retificação, complementação.	<ul style="list-style-type: none"> • Construção segmentada • Alternância de termos de valor genérico/específico ⇒ “Redundâncias progressiva”
	Ambiente físico comum	Utilização de elementos percebidos pelos dois parceiros	<ul style="list-style-type: none"> • Economia de palavras e utilização de dêiticos
	Canal oral	Utilização de entonações, gestos e mímica	<ul style="list-style-type: none"> • Superposição de signos
MONOLOGAL	Não precisa dos parceiros	Não percepção imediata	<ul style="list-style-type: none"> • Ordem das palavras “Progressiva”
	Contrato de não troca	Locutor “não à mercê” do interlocutor: reflexão e organização lógica	<ul style="list-style-type: none"> • Construção “contínua e hierarquizada” • Sucessão de termos com valor semântico progressivo
	Ambiente comum	Utilização ou não dos elementos do ambiente	Explicitação ou não do ambiente
	Canal oral ou gráfico	Utilização ou não da entonação, gestos e mímicos	Explicitação ou não da entonação ou dos gestos.

Temos que compreender que tanto a situação monologal e a dialogal podem ocorrer em um mesmo ato comunicativo. Ao encenarem sua comunicação, os sujeitos são dispostos da seguinte forma: os *parceiros* e os *protagonistas* da linguagem. Os parceiros são o *Locutor-emissor (sujeito comunicante)* e o *Interlocutor-receptor (sujeito interpretante)*, estes são regulamentados por meio de princípios identitários existentes entre eles. E os protagonistas, indivíduos pertencentes a uma instância de fala, temos aqui o *Enunciador* e o *Destinatário*.

Doravante, conversaremos sobre os modos de organização do discurso, dispomos nossos comentários obedecendo a seguinte ordem: *Enunciativo*, *Descritivo*, *Narrativo* e *Argumentativo*.

O modo Enunciativo põe em cena os protagonistas da enunciação, expondo como estes agem no ato de comunicação. Um ato enunciativo é constituído por um *Propósito referencial*

vinculado a um *Ponto de vista enunciativo* do sujeito falante formam a *Situação de Comunicação*. Para a AD enunciar pressupõe pôr em cena o sujeito falante para vermos sua posição em relação ao interlocutor. Charaudeau (2016, p.82) nos apresenta três maneiras de diferenciarmos às funções do modo enunciativo

- Estabelecer uma *relação de influência* entre locutor e interlocutor num comportamento ALOCUTIVO
- Revelar o *ponto de vista* do locutor, num comportamento ELOCUTIVO.
- *Retomar* a fala de um terceiro, num comportamento DELOCUTIVO.

Ao falar o sujeito revela sua posição em relação ao interlocutor, exigindo dele um comportamento, essa ação está no comportamento alocutivo e chamamos de ponto de vista acional, logo a identidade e o comportamento psicossocial do interlocutor irão manifestar-se em relação ao sujeito falante, que em seu posicionamento pode apresentar uma posição de *superioridade* em que interpela seu interlocutor, ou *inferioridade*, no qual necessita do que seu interlocutor possui.

No comportamento elocutivo o sujeito falante apresenta sua perspectiva em relação ao mundo, sem interpelar seu interlocutor, obtém-se como implicação a modalização do propósito enunciado, assim o sujeito evidencia seus anseios. A perspectiva do sujeito em relação ao mundo está dividida da seguinte forma, ponto de vista do *modo de saber*, este demonstra como o locutor obteve o conhecimento acerca do propósito enunciado, equivale a constatação, ao saber ou ignorância. O ponto de vista de *avaliação*, maneira como o sujeito avalia o propósito enunciado, corresponde a opinião e apreciação. Já o ponto de vista de *motivação* revela a razão existente por trás do propósito enunciado, este refere-se à obrigação, a possibilidade e ao querer. A perspectiva de vista de *engajamento* apresenta a adesão do sujeito ao propósito enunciado, expondo a promessa, a aceitação, a recusa, o acordo, o desacordo e declaração. Enquanto o ponto de vista de *decisão* expõe o estatuto do locutor e a decisão enunciativa, revelando-se em uma proclamação.

Existe um momento em que o sujeito falante presencia a manifestação do discurso e não se manifesta, apagando-se dentro do ato enunciativo, não perturba seu interlocutor, apenas observa o que está em seu entorno, temos desse modo o comportamento delocutivo. Assim nem os propósitos enunciativos e os textos fazem parte do sujeito. O comportamento delocutivo se apresenta de duas maneiras, a primeira ocorre quando o propósito se impõe por si só, compete ao locutor falar como o mundo existe, justificando sua afirmação, isso ocorre por meio de

probabilidades e evidências. Na segunda maneira o sujeito falante tem como meta representar o texto elaborado por outro locutor, e o caso do discurso relatado.

Nosso próximo modo de organização é o descritivo. É importante compreendermos a diferença entre descritivo e descrição; descritivo é um processo discursivo pelo qual se organiza o discurso, já a descrição equivale ao resultado e parte desse processo. Para Charaudeau (2016, p.111) descrever é “Do ponto de vista do sujeito falante, *Descrever* corresponde a uma atividade de linguagem que, embora se oponha às duas outras atividades, - *Contar* e *Argumentar* - combina-se com elas.” Contar é quando os seres humanos narram uma história situando-a em um determinado tempo, à medida que narramos descrevemos, pois olhamos ao nosso redor identificamos os seres, nomeamos, os situamos em um tempo e espaço, porém o modo descritivo não aceita ser refém do narrativo, exige assim que seus agentes caracterizem minuciosamente o que observam. Já argumentar é tentar provar por meio da lógica as relações de causa e efeito de um acontecimento.

O modo descritivo é formado por três componentes autônomos e indissociáveis: *nomear*, *localizar-situar* e *qualificar*. Segundo Charaudeau (2016, p.112) “ São esses, aliás, os três componentes que constituem a base da identidade civil: **nome** e **sobrenome**, **data** e **local de nascimento**, **sinais particulares** e **fotos**.” Dar um nome a um ser, é permitir que esse exista, é classificar por meio da observação da diferença e da semelhança, para que assim o ser ganhe sua singularidade e faça parte de uma comunidade. Localizar-situar é atribuir ao ser um espaço e um tempo, possibilitando sua existência histórica. Qualificar corresponde ao agrupamento dos seres devido a suas características, objetivando atribuir a eles sua singularidade.

Nosso penúltimo modo de organização é o narrativo, narrar é contar uma história por meio de um narrador, dotado da necessidade de transmitir uma informação referente ao mundo para um indivíduo (leitor, ouvinte, espectador). Charaudeau (2016, p.154) define contar como

Contar representa uma *busca* constante e infinita; a da resposta às perguntas fundamentais que o homem se faz: “Quem somos ? qual é a nossa origem ? qual é o nosso destino ?” Dito de outro modo : “ qual é a verdade de nosso ser?”

Como esta não se deixa descobrir, o homem, através de seu imaginário, produz narrativas que, falando de fatos e gestos dos seres humanos, liberam parcelas desta verdade.

Contar é, então, uma atividade linguageira cujo desenvolvimento implica uma série de tensões e até mesmo de contradições.

Vimos que a necessidade de contar a própria história faz parte da trajetória do homem, que por meio da narração cria um universo contado, vivendo uma busca para a comprovação do que é narrado, a constatação do *verdadeiro*. Vive-se dessa forma uma disputa entre a ficção

e a realidade. Quando contamos uma história nos referimos às representações humanas em um duplo imaginário pertencente a duas categorias de crenças alusivas ao *mundo*, ao *ser humano* e à *verdade*, assim contar também provoca um conflito entre a unicidade e a pluralidade. A unicidade refere-se à crença na unidade do ser, este seria singular, e representante de uma verdade *homogênea* e *universal*, essa postura está vinculada as narrativas míticas; as narrativas inalteráveis, citamos como exemplo os textos sagrados das sociedades primitivas e modernas; as narrativas alegóricas, conto de fadas, lendas e evangelhos (os evangelhos estão inseridos por apresentarem um único autor responsável por narrar a história).

No campo da pluralidade temos a crença numa “realidade plural” do mundo e do ser, nesta concepção o mundo é heterogêneo, vivemos um multipluralismo que não permite termos uma visão nítida do todo. Aqui surgem as narrativas realistas, narração que não se afirma como verdade absoluta, assim é apenas uma parte da verdade percebida como autenticidade do vivido, Charaudeau cita como exemplo a narrativa de *Dom Quixote*, que denuncia às questões do desejo.

O último modo de organização que vamos ver é o argumentativo. Este modo está relacionado às possibilidades de consideração das experiências humanas por meio do pensamento reflexivo. A argumentação não é necessariamente um encadeamento lógico de ideias, pois algumas frases não apresentam explicitamente sua lógica, um exemplo são as formas como as poesias são organizadas. Devemos ter cuidado para não atribuir à argumentação as funções realizadas por outros atos de discurso, como a *negação*, a *refutação* e a *proibição*. A negação corresponde a não aceitar uma afirmativa. Enquanto a refutação é a tentativa de provar que uma tese não é verdadeira; e a proibição corresponde a uma imposição do sujeito falante sobre seu interlocutor. Assim Charaudeau (2016, p.205) nos traz a seguinte asserção acerca da argumentação

Já a argumentação dirige-se à parte do interlocutor que raciocina, (capacidade de refletir e compreender) ainda que seja para obter o mesmo resultado. O sujeito que argumenta passa pela expressão de uma convicção e de uma explicação que tenta transmitir ao interlocutor para persuadi-lo a modificar seu comportamento [...]

Ora, argumentar é interpelar o interlocutor para tentar convencê-lo a fim de propiciar uma mudança de comportamento. Para que a argumentação aconteça é necessário um elo triangular entre uma proposta *sobre o mundo*, um sujeito *argumentante*, e um *sujeito alvo*. O objetivo da proposta é levar alguém a arguir uma ideia sobre sua legitimidade. Logo, surge o

sujeito argumentante que busca propor uma verdade universal capaz de proporcionar a proposta sua aceitabilidade. Em seguida temos o sujeito alvo, a quem o sujeito argumentante se dirige tentando fazer com que este compartilhe visão. Charaudeau (2016, p.205) nos apresenta o seguinte esquema do modo argumentativo

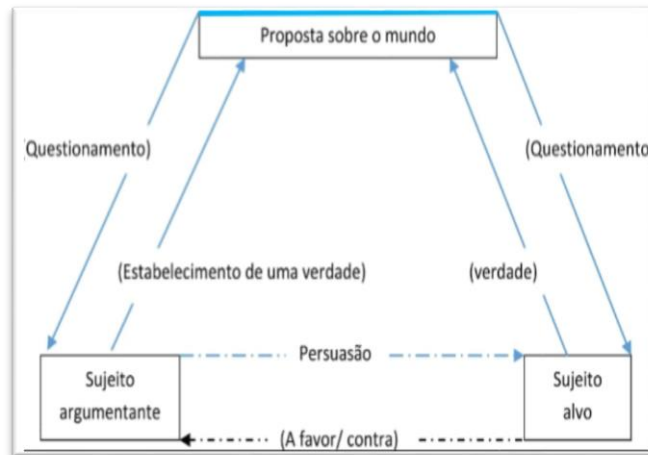
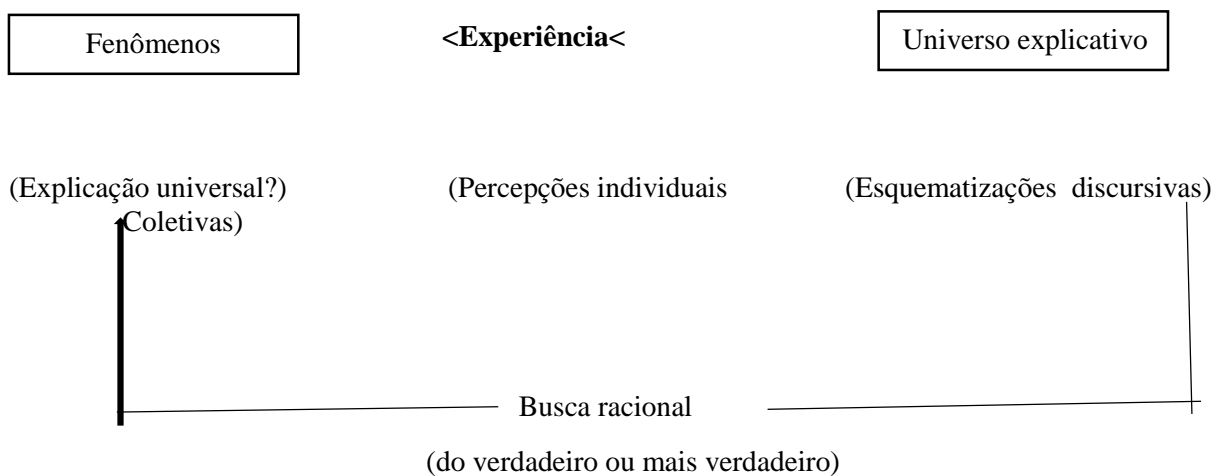


Figura 1 Esquema do Modo Argumentativo

Vemos, portanto, que argumentar leva o sujeito a dois tipos de procura, a primeira delas é a *busca da racionalidade* e a segunda à *busca de influência*. Na busca da racionalidade pretende-se encontrar um princípio de verdade referente a um *fenômeno universal*, este pode ser recuperado por meio da experiência individual e social da pessoa, sendo representada em um espaço e tempo específico, ou ainda, pelas operações do pensamento capazes de elaborar um universo discursivo capaz de explicar um dado acontecimento. Charaudeau (2016, p. 206) apresenta o seguinte esquema



O desejo de se encontrar o verdadeiro torna-se uma procura pelo mais verdadeiro, por algo que mais se assemelha à realidade social e cultural de uma comunidade, chamamos essa busca pelo que é semelhante de *verossímil*. Temos ainda uma segunda procura, baseada desta vez na *busca de influência* que ocasiona um *ideal de persuasão*, dotado de um objetivo de dividir com seu interlocutor seu universo discursivo, tentando dessa forma fazê-lo adotar sua perspectiva. Argumentar é essa busca recheada de procedimentos, norteadas para alcançar uma *finalidade racionalizante* no ato comunicativo. Para tanto o sujeito realiza um jogo do raciocínio com o intuito de afastar seu discurso de um *princípio de contradição*.

A argumentação tem um viés persuasivo e se inscreve dentro do modo de organização argumentativo, que possibilita a manifestação de várias formas de argumentação. Ela é definida por Charaudeau (2016, p.207) como

A argumentação é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes que dependem de uma situação que tem finalidade persuasiva. Esse texto, total ou parcialmente, poderá apresentar-se sob forma *dialógica* (argumentação interlocutiva), *escrita* ou *oratória* (argumentação monolocutiva), e é nesse quadro que poderão ser utilizadas as expressões “desenvolver uma boa argumentação”, “ter bons argumentos”, “bem argumentar”, etc.

Temos na argumentação o resultado de um processo realizado no modo argumentativo. Este tem como meta apresentar *explicações* acerca de afirmações presentes no mundo baseada nas experiências ou conhecimento dos indivíduos, nesse sentido temos duas perspectivas para a esquematização dessas explicações, a *razão demonstrativa* e a *razão persuasiva*. A razão demonstrativa é embasada na casualidade, na relação entre duas afirmativas construídas na *organização da lógica argumentativa* que se ligam por meio do sentido das afirmações, dos tipos de relações, firmando-as pelos tipos de validações capazes de defini-las. Na razão persuasiva vivencia-se a busca por provas apresentadas através de argumentos capazes de respaldar as propostas acerca do mundo, esse feito estar intrinsecamente ao *procedimento de encenação discursiva* do sujeito argumentante, esta ação é denominada de *encenação argumentativa*.

A lógica argumentativa é formada por três elementos: *uma asserção de partida (A1)*, *uma asserção de chegada (A2)* e uma (ou várias) *asserções de passagem (A3)*. **A1** corresponde ao ponto de partida, à primeira informação, um enunciado acerca do mundo que propicia a existência de um sujeito realizador de ações ou feitos; **A2** é o resultado, a conclusão, é a resposta dada a invocação feita por **A1**; **A3**, expõe e justifica a relação de causa ou consequência que

A1 mantém com **A2**, representando como esta relação é envolvida pela experiência e crenças de mundo compartilhada pelos interlocutores em seu universo de crenças.

Na sua articulação a relação argumentativa acaba por se definir através da casualidade que é manifestada nas categorias de *Implicação* e *Explicação*. As articulações lógicas estão divididas da seguinte forma: a) **a conjunção**, que serve para indicar uma relação argumentativa; b) **a disjunção**, separação dos enunciados em pares no qual um expressa uma negação representa uma relação de casualidade; c) **a restrição** é a relação articulada por meio da causa e consequência em que a conclusão esperada poder ser substituída pela afirmativa contrária; d) **a oposição** ocorre quando uma afirmativa é contrária à outra; e) **a causa** apresenta a justificativa da ação desencadeada por **A1** explicada a partir de algo que **A2** fez; f) **a consequência**, essa relação acontece quando **A1** põe em seu posicionamento uma informação conclusiva referente à **A2** e a g) **a finalidade A1** busca explica a causa presente em **A2**.

As modalidades ou condições de realização ocorrem quando **A1** e **A2** mantém um vínculo de inferência estabelecida em suposição e conclusão. Segundo Charaudeau (2016, p.212) “[...] um *vínculo modal* que se situa no domínio do *possível*, do *necessário* ou do *provável*.” Temos assim o eixo do possível, no qual **A2** não é conclusão específica de **A1**, situando-se dentro das seguintes ordens: *possível* (conclusão aleatória); *provável* (conclusão impositiva determinada por circunstâncias) e da *presunção* (conclusão respaldada pelo sujeito quando este percebe a ausência de indicação contraditória). No **eixo do obrigatório** dispomos das seguintes possibilidades, **A2** é sempre a conclusão de algum fato expresso por **A1**, assim o vínculo modal entre eles se encontra na instância do *necessário*; da ordem do *indiscutível* **A2** é a conclusão precisa de **A1**, ao negarmos **A2** automaticamente negaríamos **A1** que **A2**, porém o enunciado está aberto para outras asserções e da ordem do *exclusivo*, no qual **A1** e **A2** mantêm uma relação obrigatória e única, a negação de **A1** nos conduziria a negação de **A2**.

Dentro do processo desencadeado pelo modo argumentativo há o *escopo do valor de verdade*, definido por Charaudeau (2016, p.213) “[...] é o conjunto da relação argumentativa que está sob o “escopo” do valor de verdade: “para todos os casos” (*generalização*), “para um caso específico” (*particularização*), “para um caso suposto” (*hipótese*). Assim, esse valor de verdade abrange a proposta discursiva do sujeito falante.

Os componentes da *lógica argumentativa* se relacionam para permitirem que os *modos de raciocínio* exponham a lógica de forma organizada em uma encenação argumentativa. A fim de compreendermos quais são esses modos e como ocorrem na encenação elaboramos a seguinte tabela

Tabela 2 Modos de Raciocínio

MODOS DE RACIOCÍNIO	CONCEITO	COMO ACONTECEM	EXEMPLO
DEDUÇÃO	<p>Modo de raciocínio no qual nos apoiamos na ideia apresentada por A1 para chegarmos em A2, assim temos uma relação de causa consequência.</p>	<p>Silogismo- está pautada em uma relação de articulação de consequência implicativa, possuindo m vínculo modal de Necessidade e seu valor de verdade é estabelecido na generalização.</p>	<p>Charaudeau (2016, p.214) (1) (Se) as flores são plantas (2) (e se) uma tulipa é uma flor (3) (então, portanto) a tulipa é uma planta.</p>
		<p>Pragmática- encadeamento o é realizado tendo como princípio norteador a consequência explicativa, apresentando conjunção como logo e portanto. O vínculo modal se inscreve na ordem do necessário e tem como escopo a particularização.</p>	<p>Charaudeau (2016, p.214) “Chove, (portanto) eu levo o guarda chuva .”</p>
		<p>Por cálculo- está embasada na consequência implicativa, assim na qual A1 alcança a conclusão em A2, situa-se no eixo do possível e como princípio de validação uma hipótese que se transforma em uma generalização.</p>	<p>Charaudeau (2016, p.215) “Se 51% dos brasileiros aprovam esta medida, então o Brasil está em perigo.”</p>
		<p>Condicional – encadeia-se na articulação consequência e conjunção (Se...então), pertence à ordem do narrativo, do qualificativo e da posse e a relação modal está no eixo do possível ou do necessário, firmando seu</p>	<p>Charaudeau (2016, p.215) “Se você acabasse o trabalho, poderia ir ao cinema.” (vínculo modal: possível ; escopo :particularização) “Se você não fizer o trabalho, vai tirar uma nota ruim.” (vínculo modal: Necessário; escopo: particularização.)</p>

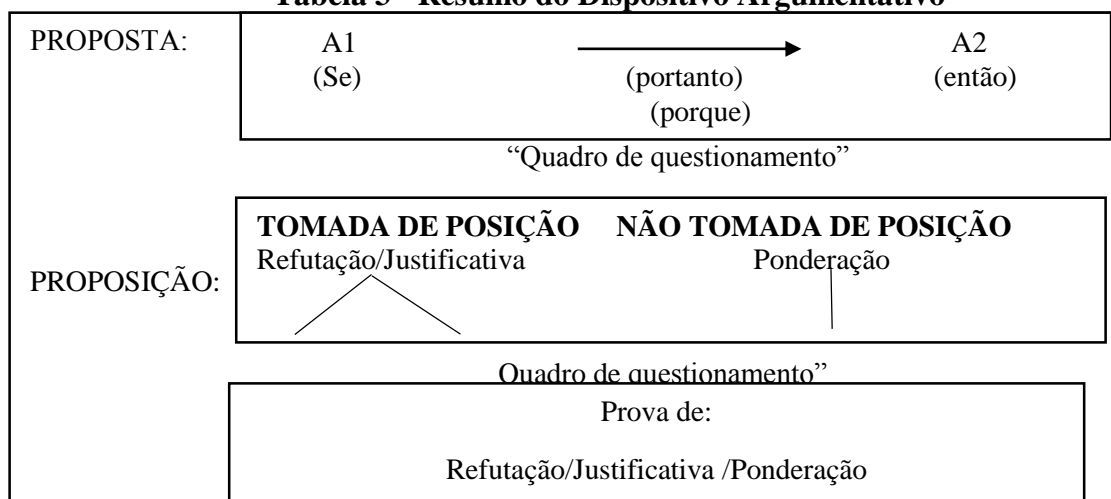
		escorpo em uma hipótese que pode se vincular a uma generalização ou a uma particularização.	“ Se as cavidades formadas pela erosão atingem dimensões notáveis, então podem forma-se verdadeiro riacho.” (vínculo modal: Possível; escopo: generalização) . “Análise suas atitudes e terá notícias minhas.” (vínculo modal: Necessário; escopo : particularização)
EXPLICAÇÃO	Esse modo de raciocínio se baseia em A2 como a origem, a razão, o motivo. A1 tem em seu posicionamento algo oriundo em A2 , temos uma relação que parte da consequência para a causa.	Silogismo –é semelhante ao silogismo do modo de dedução, diferenciando-se apenas por apresentar como um meio de encadeamento a causa, partindo do específico para o geral.	Charaudeau (2016, p.216) “ A rosa é uma planta (A1), porque uma rosa é uma flor Charaudeau (2016, p.216) (A2) e porque as flores são plantas (A’2).”
		Pragmática -é semelhante a dedução pragmática , diferenciando-se por apresentar como modo de encadeamento o causal, podendo ser :pontual, ocasional e temporal; um desejo, um sentimento, um estado de alma; ou ainda uma experiência pessoal.	Charaudeau (2016, p.216) “ Eu fui embora porque fecharam a porta no meu nariz.” “ Eu não como porque não tenho vontade.” “Eu sei que ela é linda, porque eu a vi.”
		Por Cálculo - é equivalente a dedução por cálculo ,diferenciando-se devido ao modo de encadeamento é o causal.	Charaudeau (2016, p.216) “ O Brasil está em perigo, porque 51% dos brasileiros dizem...”, “ As coisas são assim porque sempre foram assim.”
		Hipotética – propõe a causa a partir de uma suposição	Charaudeau (2016, p.216) “ Não tirei nenhuma conclusão de sua atitude, talvez porque pensasse que ele não havia feito de propósito.”
	Modo de raciocínio que se apoia na	Dos Contrários- é o modo de raciocínio que	Charaudeau (2016, p.217)

ASSOCIAÇÃO	conjunção, na causa ou na consequência, temo como principal característica por A1 e A2 numa relação de contrário ou de identidade.	se estabelece por meio da oposição entre as ideias, está presente em discursos que visam mais a sedução do que a persuasão, se realiza em muitos casos no acordo para a constatação do humor entre as partes, é comum no discurso publicitário e nas críticas humorísticas.	“ Se você não sabe ganhar dinheiro com as mãos, saiba, pelo menos, gastá-lo com os pés.” (Publicidade) “ Os contribuintes são incorrigíveis, eles querem fazer a omelete sem quebrar os ovos!” (Declaração de um político)
		Do Idêntico- é chamado também de tautologia e corresponde ao uso de uma palavra de mesmo significante para representar significados diferentes. Pode ocorrer por: extensão e simetria.	Charaudeau (2016, p.217) “O Brasil nunca é tão Brasil quando ele mesmo.” “Os amigos de meus amigos são meus amigos .” (Extensão) “Se você é compreensivo , eu serei compreensivo ; se você colocar barreiras no meu caminho , eu farei o mesmo .” (Simetria)
ESCOLHA ALTERNATIVA	Este modo é formado pelo raciocínio dedutivo e explicativo, põe em oposição dois argumentos ($A \Rightarrow A2$ e $A'1 \Rightarrow A'2$), essa oposição nos dá a possibilidade de escolha ou nos revela uma incompatibilidade.	Incompatibilidade	Charaudeau (2016, p.218) “ Ou se é juiz, ou se é réu, mas não se pode ser as duas coisas ao mesmo tempo.”
		Escolha entre Positivo/Negativo	Charaudeau (2016, p. 218) “Ou eu ou o caos.”
		Escolha entre Duas Negativas (dilema/chatagem)	Charaudeau (2016, p.218) “Estamos numa situação difícil . Ou continuamos a perder dinheiro, ou declaramos falência.” “ Ou você me paga, e eu me calo, ou você não me paga, e eu falo”.
		Escolha entre Duas Positivas (dilema)	Charaudeau (2016, p.218) “ Ou eu aumento seu salário e você ganha mais dinheiro, ou

			eu reduzo sua jornada e você dispõe de mais tempo.”
CONCESSÃO RESTRITIVA	É um modo de raciocínio dedutivo, ocorre quando há aceitação de A1 , do ponto de partida proposto por ele, porém este é contestado. Esse modo de raciocínio é comum em brigas, situações polêmicas, de mal-entendidos e etc.		Charaudeau (2016, p.218) “—Você disse que ele é amável, mas eu não acho que ele seja maleável. — Mas eu nunca disse que ele era maleável, eu disse que ele era amável.”

Um elemento participante da lógica argumentativa é a *encenação argumentativa*. A *razão demonstrativa* se relaciona a uma *razão persuasiva*, estas são dependentes do posicionamento adotado pelo sujeito diante de seu interlocutor com quem mantém um contrato comunicativo. Logo o sujeito é o foco da encenação, instalando um quadro de questionamento capaz de representar um ato persuasivo. Charaudeau (2016, p.221) nos diz “[...] toda asserção pode ser argumentativa *desde que se inscreva num dispositivo argumentativo*.” O quadro do dispositivo argumentativo é composto por: *proposta*, *proposição* e *persuasão*. A proposta é a combinação de afirmações acerca dos fenômenos do mundo realizada pelo sujeito de maneira lógica, denominada por alguns como tese. Já a proposição põe em causa através de um quadro de questionamentos a proposta, no qual o sujeito se posicionará quanto a veracidade da informação que lhe foi repassada, entrando em acordo ou desacordo explicando o porquê ele desenvolve a persuasão. A fim de facilitar nossa compreensão acerca da composição do quadro argumentativo Charaudeau (2016, p. 225) esquematizou tais informações da seguinte maneira

Tabela 3 - Resumo do Dispositivo Argumentativo



Por conseguinte, o estudioso define os dispositivos que abrigarão a asserção argumentativa, são eles: a *configuração*; a tomada de *posição*; procedimentos *semânticos*, *discursivos* e de *composição*. O dispositivo argumentativo depende de fatores situacionais de comunicação e do projeto de fala do sujeito que configura sua encenação. Estes fatores estão divididos em dois grupos: na da *situação de troca*, identificada como monologal (o sujeito constrói seu texto sozinho, expondo a proposta, a proposição e a persuasão) ou dialogal (a proposta, a proposição e a persuasão são realizadas por meio de réplicas) e no *contrato de comunicação* acordo estabelecido entre o sujeito falante e seu interlocutor, pode ser explícito, normalmente ocorre nas situações monologais, o quadro argumentativo é definido. Quando o contrato é implícito o quadro argumentativo não está especificado. Já a *tomada de posição*, ocorre quando o sujeito está no foco do dispositivo argumentativo e é obrigado a adotar um posicionamento. A seguir dispomos de uma tabela proposta por Charaudeau (2016, p. 231) que resume os componentes de cada um desses dispositivos argumentativos

Tabela 4 Resumo dos componentes da encenação argumentativa

O dispositivo argumentativo	<ul style="list-style-type: none"> -Proposta -Proposição -Persuasão 	<ul style="list-style-type: none"> -“Tese” - “Quadro de questionamentos” - “Quadro de raciocínio”
Os tipos de configuração	<ul style="list-style-type: none"> -Situação de troca - Contrato de comunicação 	<ul style="list-style-type: none"> - “Monologal” -“Dialogal” - “Explícito”
As posições do Sujeito	<ul style="list-style-type: none"> • Com relação à Proposta • Com relação ao emissor (E) da Proposta • Com relação a sua própria argumentação 	<ul style="list-style-type: none"> -“Tomada de posição” (A favor/ Contra) -“Não tomada de posição” - “Rejeição do estatuto” - “ Aceitação do estatuto” - “Autojustificativa” - “Engajamento e argumentação polêmica”. - “ Não engajamento” e argumentação racional

A encenação argumentativa disponibiliza para o sujeito procedimentos para atender seu propósito comunicativo em determinada situação e expor como este percebe seu destinatário. Os procedimentos têm como principal priori validar a argumentação, revelando que o quadro de questionamentos, ou seja a proposição é justificável. Assim dispomos dos seguintes

procedimentos: os *semânticos*, pautados no valor argumentativo ; os *discursivos* que se apoiam em categorias linguísticas para manifestarem efeitos de discurso e os procedimentos de composição que se ocupam da organização da situação comunicativa, ele ocorre quando o conjunto da argumentação possibilita. Buscando nos mostrar como cada procedimento desse se manifesta Charaudeau (2016, p.247) propôs a seguinte tabela

Tabela 5 - Resumo dos procedimentos da encenação argumentativa

1-Os procedimentos semânticos	(a) Os domínios de avaliação	< de Verdade < Ético <Estético <Hedônico <Pragmático
	(b) Os valores	< domínios da Verdade, do Estético, do Ético, do Pragmático e do Hedônico
2-Os procedimentos discursivos	(a) A definição	<de um ser < de um comportamento
	(b) A comparação	< por semelhança/dessemelhança (igualdade, proporção, extensão) <objetiva/subjetiva
	(c) A descrição narrativa	
	(d) A citação	<de um dizer < de uma experiência < de um saber
	(e) A acumulação	
	(f) O questionamento	< incitação a fazer < proposta de uma escolha < verificação de um sabe < provocação < denegação
3-Os procedimentos de composição	(a) A composição linear	< etapas <vai e vem < tempos fortes
	(b) A composição classificatória	< resumos, quadros e figuras

Aqui, encerramos a seção “**Nos caminhos da Análise do Discurso**”, usamos as tabelas como um recurso didático para expor o encadeamento do modo argumentativo, pois estas estão

sintetizadas e facilitam a compreensão, além disso foi uma maneira para não deixar esta seção muito extensa. Lembramos que alguns termos ficarão mais elucidados quando apresentarmos os resultados destas pesquisas, já que vinculadas a eles teremos um dado sendo apresentado.

3. UM PASSEIO PELO UNIVERSO DA LINGUAGEM

O homem se constitui um ser social por meio da linguagem, é por meio dela que ele se apresenta na história e repassa seus saberes. A linguagem pode ser manifestada pela fala e pela escrita, ao usa-las o homem é colocado diante de dois estímulos um auditivo (fala) e o outro visual (escrita). Gelb apud Kato (1998, p.12-13)

O homem tem inerentemente uma necessidade individual de se expressar e uma necessidade social de se comunicar. Para Gelb essas duas necessidades estão tão relacionadas que ele se pergunta se não seria melhor dizer que o homem se expressa comunicando, ou que a base de sua comunicação é sua expressão individual.

Na informação supracitada percebemos como a linguagem é intrínseca ao ser humano, que parte de um anseio individual, o de se expressar e um social o de se comunicar. Desde crianças somos inseridos em um espaço escolar para fazermos a aquisição da língua escrita, a escritura se torna uma meta no processo de aprendizagem da criança, pois deseja-se que por meio dela a criança possa transitar pelas diversas instâncias sociais.

Para a criança a aquisição da linguagem representa a apropriação das menores unidades da língua, de um conteúdo vocabular e uma organização sintática do léxico que atenda suas necessidades. Em suma isso é importante, porém a aquisição da linguagem não está resumida apenas a essas etapas, o caráter social da linguagem deve ser inserido nessa dinâmica objetivando a comunicação. Para Kail (2013, p.75)

[...] A criança tem de aprender a utilizar a linguagem para fins sociais de comunicação direta ou indireta, aprender, por exemplo, a chamar a atenção, a formular um pedido, a administrar os turnos de fala, a manter uma conversação, a conduzir uma argumentação, a construir um relato. [...]

Visando alcançar o que foi proposto anteriormente, deixamos de focar na palavra, ou, na frase dita pela criança e voltamos nossa observação para seu discurso. Pois na aquisição da linguagem é importante que haja uma interação entre os níveis fonológicos, lexicais, sintáticos e discursivos.

No desenvolvimento da linguagem a criança ao falar pode planejar sua fala, apresentando um discurso improvisado, embaralhado, com algumas falhas, um ato comunicativo livre, despreocupado, com palavras sendo utilizadas repetidamente, a este tipo de discurso chamaremos *discurso relativamente não planejado* (DRNP). Dispomos também de um ato comunicativo mais organizado, com menos palavras repetidas, mas independente da

situação em que foi produzido, ele é denominado de *discurso planejado* (DP) e é comum em situações comunicativas planejadas, em textos dissertativos, e nas falas formais, tal classificação discursiva pertence a psicolinguística de Ochs apresentada por Kato (1998).

A linguagem escrita e a linguagem oral apresentam uma forma como função de fundo que possibilita uma distinção entre elas. A primeira não depende unicamente do contexto, se apoiando no planejamento dos níveis da linguagem e de seus conectivos para ser compreendida, exigindo coesão e coerência em sua organização. Já a segunda depende da situação comunicativa. Lembramos que a aquisição da linguagem pela criança começa antes de sua ida à escola, porém este processo contínuo demora anos, esta por sua vez já consegue contar pequenas histórias.

O processo de aquisição da linguagem se apresenta em contextos sociocomunicativos precoces, em crianças recém-nascidas estímulos programados e mecanismos de comunicação acionados na interação dos pais com os bebês fazem com que os pequenos participem de situações languageiras. Um exemplo, o reconhecimento pelo bebê da voz de sua mãe, a atenção dada por ele as faces humanas, percebida quando voluntariamente o bebê se volta para elas.

Algumas funções comunicativas desempenhadas pela criança são observadas em seu primeiro ano de vida, assim gestos, olhares e ações se manifestam por meio da *sinalização dual*, momento comunicativo entre a criança e o adulto. Essas situações comunicativas foram divididas por Kail (2013) em: *performativos elementares*, a criança solicita objetos, ou, a partilha de atenção a um acontecimento diante do adulto; *protoimperativos*, a criança usa meios para alcançar o objeto desejado; *protodeclarativos* a criança utiliza um objeto para reter a atenção do adulto. Com esta breve exposição vemos que situações comunicativas entre adultos e crianças começam desde o primeiro ano de vida.

Para Vygotsky a criança compreende o significado de uma palavra conforme seu desenvolvimento e o contexto em que está inserida. Baseado neste princípio ele desenvolveu os seguintes conceitos: *zona de desenvolvimento proximal*, competência linguística da criança sem a interferência de um terceiro para que ela compreenda algo e a competência linguística da criança imersa na parceria com o adulto. Assim, Kail (2013, p. 79) fundamentada nesta ideia de Vygotsky afirma que compete ao adulto “[...] O papel essencial do adulto é interpretar as produções da criança, remetendo-a à significação social de seu enunciado. [...]”

Um componente que está presente no desenvolvimento pragmático dos enunciados é a pressuposição, capacidade do falante de pôr num ato de fala aquilo que é comum entre ele e seu interlocutor. Na psicogênese das pressuposições psicológicas pressupor é exercer numa

atividade a relação entre o tópico/comentário entre aquilo que é enunciado e seu respectivo contexto. Kail (2013, p. 82) ao citar Bates nos diz:

[...] a razão mais decisiva para definir as pressuposições como operações psicológicas independentemente de sua dimensão linguística reside no caráter limitado do sistema proposicional do bebê que aborda a linguagem. Essas pressuposições são examinadas em diferentes períodos do desenvolvimento cognitivo em uma perspectiva piagetiana do desenvolvimento: o período sensório-motor (0-18 meses) ; o período pré-operatório (18 meses – 4 anos) e o período das operações concretas (4 -7 anos).[...]

A criança prematuramente é capaz de realizar atos pressuporativos para escolher um dado elemento, a capacidade de pressupor vai evoluindo conforme sua fase de desenvolvimento como observamos no modelo cognitivo piagetiano. No período sensório-motor (0-18 meses) notamos as seguintes manifestações: a criança aprende por meio do condicionamento; passa a emitir barulhos; começa a perceber a movimentação dos objetos; começa a repetir ações para observar seus efeitos; aprendizagem através da imitação; aos 12 meses já produz as primeiras palavras; usa gestos dotados de significados e etc. O período pré-operatório (18 meses- 4 anos) é acompanhado pelos seguintes acontecimentos: manipulação dos símbolos e das palavras; realização de ações imitativas; fala telegráfica, fase da aquisição da linguagem em que a criança combina palavras de maneira simples para se comunicar; comportamento egocêntrico. Na fase correspondente ao período das operações concretas (4-7 anos) a criança percebe as especificidades numéricas; apresenta um bom raciocínio indutivo e desenvolve sua consciência fonológica.

Um bebê é capaz de escolher no ato comunicativo o elemento mais importante daquela situação e trazê-lo à tona por meio de uma única palavra. A ação realizada por eles é antecedida por uma situação e conforme progredem passam a aprimorar suas pressuposições, pois aos poucos aquilo que era expresso por uma só palavra passa a ser representado por um conjunto delas. À medida que as pressuposições se firmam no estágio sensório-motor, possibilitando a comunicação da criança, no pré-operatório a criança já se utiliza de atos de fala, os constrói observando seus interlocutores, o local e o tempo em que se encontra. Em suas lições Kail (2013, p.83) afirma que

Progressivamente, o ato de pressuposição vai se inscrever no próprio discurso: a entonação, a ordem dos constituintes se diversificam, ao mesmo tempo em que a criança exerce seu próprio controle cognitivo . Trata-se do controle de suas próprias mensagens antes de sua emissão, bem como capacidade de levar em conta, ao mesmo tempo em que seu próprio ponto de vista, também o ponto

de vista do ouvinte caracterizado pela criança que chega ao estágio das operações concretas. Nesse estágio, a criança é capaz de prever que pressuposições podem ser feitas, quais aspectos da mensagem devem ser modificados ou suspensos.

Aos sete anos de idade de acordo com a afirmativa de Kail a criança já tem certo controle em relação à construção daquilo que enuncia, convocando um outro ser para participar de seu ato enunciativo. Kail (2013) nos diz também que a pressuposição se inscreve em um estado de certeza, na afirmação de algo, já a incerteza e a mudança estão vinculadas a base cognitiva da asserção, pois a mudança do estado de um determinado objeto que não se encontra próximo à criança, ou ainda, não pertence a esta e alguém o entrega para a criança, ela acreditará que o objeto é seu.

O processamento das pressuposições linguísticas parte do princípio que as possibilidades de significação de enunciado estão para além daquilo que é dito, assim as condições de interpretação estão vinculadas ao uso e possibilitada pelo estágio de desenvolvimento linguístico da criança. Kail (2013, p.84) cita como exemplo a capacidade das crianças em desvendar o posto, porém elas não conseguem compreender o pressuposto. A autora nos fornece o seguinte enunciado “João continua a fumar”, deste temos como posto “ (a) João fuma atualmente.” E como pressuposto “ (b) João fumou no passado.” Desta forma o posto contém a informação referente ao presente daquele a quem o falante se refere, enquanto o pressuposto traz informação referente ao passado de quem o falante deu ênfase em seu enunciado. Por conseguinte, a criança com cinco anos de idade compreende apenas o posto, já com sete anos começa a inferir sobre o pressuposto, entretanto é somente aos 10 anos de idade que elas conseguem apresentar interpretações justificáveis capazes de ligar o posto e o pressuposto.

Os enunciados produzidos nas diversas situações comunicativas são denominados por Austin de atos de fala, estes podem expressar um pedido, uma promessa, uma acusação, um juramento e etc. Um ato de fala é formado por três componentes diferentes: o *ato locutório*, que corresponde ao dizer, aquilo que o falante pronuncia; o *ato ilocutório*, equivale ao que realizamos ao falar, pode ser um pedido, uma ordem e ETC. ; *ato perlocucionário* são as consequências provocadas pelo dizer, esta provocação pode ser intencional ou não.

A criança precocemente começa a realizar pedidos, por volta de um ano ela começa a solicitar esclarecimentos vinculados à confirmação e a repetição por meios das palavras, temos como exemplo *quê? um quê?*; aos 3 anos ela começa a realizar perguntas de exatidão, como *onde? quando?*, essas perguntas podem surgir mais tarde ; com quatro anos estabelece a diferença entre o pedido de direito e o de favor, e aos seis anos percebe a diferença entre a ação

e a informação, dos seis para os sete anos perceberemos mudanças mais significativas na formulação de enunciados pela criança. O ato de fala que mais caracteriza a interação de fala criança/adulto é a promessa. Kail (2013, p.88-89) nos explica

Tanto para os diretivos (pedidos) como para as promessas, a evolução do domínio pragmático com a idade indica que a criança se concentra inicialmente nos parâmetros da situação de comunicação (3-4 anos), depois se libera progressivamente deles para se concentrar nas propriedades linguísticas dos enunciados (9-10 anos). O movimento geral de descontextualização também foi evocado no processamento das pressuposições. No campo da pragmática do desenvolvimento, várias pesquisas são feitas e começam a se organizar paralelamente à emergência de temáticas novas, como, por exemplo, o papel da prosódia ou o papel dos gestos.

Na explicação de Kail notamos como paulatinamente as crianças desenvolvem suas habilidades linguísticas e conseguem produzir enunciados, chegando aos nove anos capazes de nortear sua interpretação através dos marcadores temporais da língua. Assim ela parte de um momento único, no qual se comunica com enunciados simples para enunciados mais complexos os transferindo para momentos fora do contexto em que foram produzidos.

As atividades discursivas mobilizam o sujeito para a produção de um discurso, que exige dele suas habilidades: saber fazer o uso da linguagem de maneira descontextualizada, levar para seu enunciado pessoas, objetos, entre outros elementos que não estão presentes no momento da produção do enunciado; a outra habilidade está relacionada a saber organizar um enunciado de maneira consecutiva. Dentro do discurso para que se vincule as formas da língua e suas funções é necessário manipular os níveis frástico (unir palavras para a formação de textos) e o discursivo (compreender as possibilidades de sentido), juntos esses níveis articulam uma informação ao seu contexto de enunciação.

Entre os dois e seis anos as crianças começam a transferir a referência, ou seja, ligam um termo a outro, fazem uso de dêiticos, elementos que vinculam os enunciados a um tempo e a um espaço. Na idade de dois a três anos a criança organiza sua fala tendo como base o aqui e o agora. Aos poucos ela vai inserindo elementos capazes de descontextualizar seu enunciado, a criança nesse momento precisa do auxílio de uma pessoa adulta, pois está aprendendo a organizar seu ato enunciativo. Um modo discursivo que nos ajuda a perceber essa dificuldade da criança no processo de referenciação é o narrativo.

A capacidade da criança de referenciar possui algumas divergências entre os estudiosos em relação à idade, para alguns ela começa a referenciar a partir dos três anos, enquanto para outros ocorre de seis a dez anos de idade. Esses posicionamentos divergentes segundo Kail

(2013) estão relacionados a forma como os dados foram coletados, alguns pesquisadores se utilizaram de imagens, outros de relatos expositivos; há também a questão de como esses materiais foram estruturados e qual a relação da criança com este, algumas histórias apresentam poucos personagens, enquanto outras possuem mais.

Por meio da utilização de um livro de vinte e cinco imagens chamado de *Frog Story*, pesquisadores realizam pesquisas com crianças entre seis e onze anos a fim de compreender e como as crianças realizam a referência. No livro há três personagens principais: um homem, um cão e uma rã, e quatro personagens secundários: as abelhas, uma toupeira, um cervo e um hibu. Os estudiosos adotam o seguinte procedimento metodológico, no primeiro momento olham as gravuras dos livros com as crianças, esse momento chamamos de *conhecimento partilhado*. No segundo momento a criança analisa as imagens e o seu interlocutor se posiciona de olhos vendados. Com essa pesquisa constataram que as crianças de seis anos sabem distinguir os momentos de introdução das imagens devido à situação e montar seus relatos. Contudo, somente as crianças de nove a onze anos usam sistematicamente as formas indefinidas para introduzirem seus relatos, mesmo quando o pesquisador não as auxiliam a elaborar a história.

4.AS PEGADAS DA INFÂNCIA...

Nossa concepção acerca da infância está bem distante das adotadas em outras épocas, houve momentos em nossa história que o termo criança estava associado a uma pessoa frágil, assim qualquer indivíduo sem resistência era denominado de criança. Outro aspecto que nos ajuda a identificar o período correspondente a essa fase da vida é a idade, contudo vivemos momentos históricos em que a idade também não tinha importância. Nesta seção faremos dois passeios, no primeiro momento veremos como a ideia de infância foi apresentada durante a história e no segundo período como a ciência médica a partir do desenvolvimento sociocognitivo define a infância.

4.1 Na História

Na Idade Média a nomeação dos indivíduos gerava uma certa confusão, tendo em vistas que estes não eram registrados, não sabiam ao certo a idade. Objetivando amenizar essa situação o nome passou a ser contemplado por um sobrenome da família, normalmente o local de origem da pessoa. Uma medida imposta pela igreja foi que quando os recém-nascidos fossem batizados o pároco já realizasse o registro da criança, evitando a perda das informações acerca do nascimento dela. Aos poucos a igreja e a sociedade foram se adaptando a essa regra e regularizando os registros, à medida que isso ia acontecendo dava-se mais importância à idade no meio social. Conforme Àries (2016, p. 2) retrata em suas lições

[...] A importância pessoal da noção de idade deve ter-se firmado à medida que os reformadores religiosos e civis a impuseram nos documentos, começando pelas camadas mais instruídas da sociedade, ou seja, no século XVI, aquelas camadas que passavam pelos colégios. Nas memórias dos séculos XVI e XVII que consultei para reconstituir alguns exemplos de escolaridade, não é raro encontrar no início da narrativa a idade ou a data e o lugar de nascimento do narrador. Em certos casos, a idade chega a tornar-se objeto de atenção especial. É inscrita nos retratos como um sinal suplementar de individualização, de exatidão e de autenticidade. [...]

Desse modo os indivíduos daquela época sentiram uma necessidade social de registrarem as datas de momentos importantes que marcaram suas vidas, exemplos encontrados de retratos familiares e diários datados servem para constarmos a importância dada pelas pessoas a essa ação, aparentemente é como se efetivassem sua vida na história por meio de

datas. No início século XVII esse hábito se estendeu a outros objetos como copos, colheres, camas, cofres, baús, armários e etc. os móveis apresentavam o nome dos dois proprietários. Em meados desse mesmo século as inscrições começaram a desaparecer dos retratos, e as mobílias a serem datadas com discricção.

O costume de sabermos as datas, em especial a do nascimento passou a ser conservado desde o século XVI, porém a ideia de compartilhar a idade em uma conversa não era algo tão bem visto e apreciado pelas pessoas, as crianças quando indagadas sobre sua idade provavelmente eram orientadas pelos pais a responderem com imprecisão, ao falar sobre sua idade elas se reservavam. Um exemplo apresentado por Àries (2016, p.4) retirado de uma obra de Cordier evidencia tal situação “ Quantos anos você tem? — Treze anos, *como ouvi minha mãe de dizer.*”

No século XIV firmou-se as chamadas *idades da vida*, elas estavam relacionadas ao desenvolvimento biológico dos indivíduos e as suas funções sociais. A primeira idade é a dos brinquedos, nesta idade as crianças brincam com cavalos de pau, bonecas. Em seguida vem a idade escolar, aqui os meninos aprendem a ler, a portar um estojo e as meninas a fiar. No terceiro momento temos a idade do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: rapazes e moças passeavam, iam às festas, realizava-se a corte do amor, os rapazes participavam de caçadas. A idade da guerra ou da cavalaria, o rapaz passava a ser um homem armado. No último momento dispomos das idades sedentárias dos homens das leis, da ciência ou dos estudos, neste momento temos a figura de um sábio ocupado com suas reflexões. Ressaltamos que haviam jovens sábios, porém esta imagem era primordialmente associada aos mais velhos.

Durante muito tempo a adolescência e a juventude foram consideradas como infância, buscando ilustrar tal situação apresento o seguintes exemplo exposto por Àries (2016, p.11) “Segundo um calendário das idades do século XVI, 24 anos “é a criança forte e virtuosa”, e “Assim acontece com as crianças quando elas têm 18 anos .” Vemos que não havia uma separação entres esses outros momentos da vida da infância, isso ocorria porque para a sociedade daquela época o termo infância estava mais relacionado à submissão e a dependência. Como nos afirma Àries (2016, p.11)

[...] A longa duração da infância, tal como aparecia na língua comum, provinha da indiferença que se sentia então pelos fenômenos propriamente biológicos : ninguém teria a ideia de limitar a infância pela puberdade. A ideia de infância estava ligada a ideia de dependência: as palavras *filis*, *valets* e *garçons* eram também palavras do vocabulário das relações feudais ou senhoriais de dependência. Só se saía da infância ao se sair da dependência. Essa é a razão pela qual as palavras ligadas à infância iriam subsistir para designar familiarmente, na língua falada, os homens de baixa condição, cuja

submissão aos outros continuava a ser total : por exemplo, os lacaios, os auxiliares e os soldados. Um “*petit garçon*” (menino pequenino) não era necessariamente uma criança, e sim um jovem servidor (da mesma forma hoje, um patrão ou um contramestre dirão de um operário de 20 a 25 anos: “É um bom menino”, ou “esse menino não vale nada”.

A partir das informações de Àries constatamos o quanto a visão que adotamos atualmente da infância era bem diferentes das adotadas em outros séculos. Quando os cidadãos separaram a adolescência da juventude, a infância passou a ser o primeiro momento, a adolescência o segundo e a juventude o terceiro. A adolescência passou a ser o tempo favorito, em que se pretendia passar mais tempo, assim ela lança a infância para trás e empurra a juventude para frente.

Até o século XVII a infância não era representada pela arte medieval, a sociedade daquela época poderia não conhece-la, ou ainda, não viam importância em sua representação. As crianças quando retratadas eram deformadas, estranhas, uma imagem otomaniana (período da arte alemã influenciado pela estética bizantina), segundo Àries (2016) essa pintura representava a cena do evangelho de Mateus, no qual Jesus solicita que as crianças venham até ele. Na pintura as crianças foram representadas como pequenos homens, posicionados do maior para o menor. Os artistas em suas pinturas não faziam traços distintivos entre os adultos e as crianças.

No século XIII começaram a aparecer pinturas de anjos, dotados de aspectos joviais de um adolescente, tal pintura correspondia a infância, pois para a sociedade daquela época o adolescente era uma criança. Depois temos o outro tipo de criança, considerado modelo e precursor das crianças a serem representadas na arte. Conforme declara Àries (2016, p.19)

O segundo tipo de criança seria o modelo e o ancestral de todas as crianças pequenas da história da arte: o Menino Jesus, ou Nossa Senhora menina, pois a infância aqui se ligava ao mistério da maternidade da virgem e ao culto de Maria. No início, Jesus era, como as outras crianças, uma redução do adulto: um pequeno Deus –padre majestoso, apresentado pela *Theotókos*. A evolução em direção a uma representação mais realista e mais sentimental da criança começaria muito cedo na pintura: em uma miniatura da segunda metade do século XII, Jesus em pé veste uma camisa leve, quase transparente, tem os dois braços em torno do pescoço de sua mãe e se aninha em seu colo, com o rosto colado ao dela. Com a maternidade da Virgem, a tenra infância ingressou no mundo das representações. No século XIII, ela inspirou outras cenas familiares. [...]

Como vimos a maternidade da Virgem Maria e o nascimento do Menino Jesus possibilitaram a representação das crianças nas pinturas, a princípio ele era representado como um adulto em miniatura e depois passou a ter traços mais delicados ligados ao universo infantil, esse cuidado deteve-se durante algum tempo apenas a imagem do Menino Jesus. Um terceiro

momento surge em relação presença da criança na pintura, a fase gótica. Nesta o Menino Jesus era retratado parcialmente nu, envolvido por cueiros, porém no final da Idade Média ele é totalmente desnudo. A alma na arte medieval francesa era representada por uma criança nua e assexuada. Também se imaginava que no momento da anunciação o Arcanjo Gabriel havia entregue à Virgem Maria uma criança nua, logo a alma de Jesus. Aos poucos as pinturas que apresentava Maria e o Menino Jesus começaram a representar a relação afetuosa entre mãe e filho, mostrando à criança a procura do seio da mãe para se alimentar; brincando; sendo envolvido por sua mãe em seus cueiros, cada vez mais essas representações estavam sendo relacionadas a aspectos do cotidiano.

No século XV e XVI a presença das crianças nas pinturas se tornaram mais recorrentes, elas não eram o foco principal, entretanto apareciam com seus familiares em locais públicos; brincando de jogos, na maioria das vezes seus companheiros de jogos eram adultos; na escola, tema bem comum, entre outros. Essas pinturas nos levam a duas suposições, a primeira é que não havia uma separação entre o mundo das crianças e o dos adultos; a segunda, os artistas gostavam de representar as crianças devido sua capacidade de provocar risos.

Algo bem marcante é a ausência de interesse em se guardar, em se ter a imagem de uma criança como lembrança, pois se acreditava que existia tantas crianças, por isso não havia necessidade de preservar suas memórias. Um exemplo citado por Àries(2016, p.22) retirado de *Le Catequet de l' accouchée* demonstra a maneira encontrada por uma pessoa para aconchegar uma mãe de cinco filhos que acabara de parir seu sexto bebê: “ Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, ou quem sabe todos.” Provavelmente a criança não possuía tanta importância social.

As crianças passaram a ser representadas como efigieis funerárias nos túmulos de seus professores, um exemplo dado por Àries (2016) se encontra nos túmulos dos mestres de Bolonha. Depois os adultos começaram a se interessar pelos retratos das crianças mortas, exposto no túmulo de seus pais, essa representação revela o começo da transformação dos pensamentos acerca da criança, pois passam a ter um ícone capaz de conservar sua lembrança. Por fim no século XVII as famílias começaram a sentir necessidade de terem retratos de seus filhos. No século XIX a fotografia substituiu a pintura, porém o desejo se ter imagens da rotina das crianças permaneceu e se perpetuou até os dias de hoje.

Um aspecto serve para identificar a infância são os trajes, as vestimentas. As roupas que as crianças utilizaram durante o século XIII era semelhante à dos adultos da classe social que elas pertenciam, a única exceção que encontramos são as vestimentas de Nossa Senhora

Menina. Já no século XVI os meninos eram vestidos como meninas, usavam vestido, saia e avental, isso já denuncia o que ocorreria no século XVII, o costume de vestir as crianças como adultos foi deixado de lado. Os meninos passaram a usar um vestido cumprido, diferentes dos das mulheres, ele é aberto na frente e fechado com botões ou agulhetas (lembra uma bata), Luís XIII quando criança chegou a utilizar um vestido desses, o que diferenciava de fato o vestido dos meninos das meninas eram duas fitas largas preso aos ombros, ele pode ser observado na pintura *Tabula Cebetis*, na criança que brinca com o cavalo de pau. Assim os trajes passaram a dialogar com a fase da infância que a criança vivia.

Contudo essa mudança alcançou primeiro os meninos, enquanto isso as meninas continuavam sendo vestidas como mulheres adultas. Àries (2016, p.39) relata que “ [...] A indicação fornecida pelo traje confirma os outros testemunhos da história dos costumes: os meninos foram as primeiras crianças especializadas. [...]” . Não é à toa que os meninos foram os primeiros a terem acesso às escolas, essa preocupação em distinguir primeiramente o universo dos meninos dos adultos nos levar a pensar que os meninos eram mais separados da infância que as meninas. E por conta dessa ação os meninos no final do século XVI e início do século XVII já frequentavam massivamente as escolas.

Não podemos pensar que essa preocupação em distinguir o universo do adulto do das crianças se estendeu para todos os pequenos, isso aconteceu primeiramente nas famílias burguesas e o alvo dessa distinção eram os meninos. As crianças das camadas populares continuavam a ser vestidas como adultos, nestas classes ainda se mantinha o hábito de não separar a criança dos adultos, elas conviviam nos mesmos espaços, não havia diferenciação nem no traje, nem nas brincadeiras e muito menos no trabalho.

4.2 No desenvolvimento sociocognitivo humano

A infância é o primeiro estágio do desenvolvimento humano, ela está dividida em três estágios. O primeiro deles, denominado de primeira infância vai de 0-24 meses; já a segunda infância ocorre dos 2-6 anos e o último estágio denominado de meninice vai dos 6-12 anos. Desses estágios nos atentaremos ao último, tendo em vista que os sujeitos dessas pesquisas possuem entre 8-9 anos.

Na meninice a compreensão que a criança possui sobre si evolui consideravelmente, temos duas etapas, a primeira corresponde a idade de 6-9 anos e a segunda comporta as crianças de 9-12 anos. A primeira fase da meninice é marcada pelos seguintes acontecimentos: a criança

utiliza tesouras; consegue andar de bicicleta; apresenta o desenvolvimento de sua atenção seletiva; aos oito anos apresenta uma noção precisa de direita-esquerda; apresenta percepção e noção espacial, há ainda a adrenarca (aumento dos hormônios sexuais).

No campo socioemocional há a separação dos gêneros e regras informais claras, específicas, referente à transgressão dos limites no seu convívio social; aparecimento dos cinco grandes traços da personalidade a extroversão, afabilidade, conscienciosidade, instabilidade emocional e habilidades intelectuais; meninos e meninas interagem de maneira distinta. Já na segunda etapa da meninice, entre 9-12 anos aparecem as habilidades atléticas; as meninas podem apresentar a menarca; percepção figura-fundo. A área socioemocional desta idade é marcada pela: autodescrição, expõe traços psicológicos; nível pré-convencional de raciocínio moral; apresenta auto conceito referente aos vários espaços sociais e sua autoestima é baseada na oposição *self ideal*, a imagem que se almeja ter e o *real* a imagem que se tem .

Dos seis aos doze anos a criança tem um aumento significativo em torno da compreensão que possui de si mesma, seu autoconceito engloba dois componentes: *self psicológico* e *self de valorização*. Bee e Boyd (2011, p.370) definem o self psicológico como

O *self psicológico* é a compreensão de uma pessoa sobre suas características psicológicas duradouras. Ele aparece pela primeira vez durante a transição da segunda infância para a meninice e se torna cada vez mais complexo à medida que a criança se aproxima da adolescência. Ele inclui tanto informações básicas sobre as características únicas da criança como seus juízos sobre sua própria competência.

Uma criança não irá utilizar esse conceito proposto pelos teóricos à risca, porém já manifesta em seu discurso sua percepção em torno de sua competência, um exemplo é quando a criança diz “Eu sei desenhar”, “ Eu sou inteligente”, ou ainda “Eu sou burro”. É na meninice que a criança apresenta significativamente a autoeficácia, confiança que o indivíduo possui em sua capacidade para realizar algo, há a necessidade que a criança desenvolva atividades concretas a fim de vivenciar ações que ela acredita ser capaz de realizar e outra influência importante para elas é o estímulo de pessoas valorizadas por elas. Nesse momento as crianças passam a realizar as comparações sociais, ou seja, passa a tirar conclusões acerca de si tendo como base o outro. O self da valorização corresponde a capacidade da criança se valorizar, reconhecer a importância de suas habilidades.

A criança no decorrer da meninice vai desenvolvendo um senso avaliativo mais aguçado, passa a usar vários meios para dizer algo e para compreender também. Pois, é nessa fase que as habilidades metalinguísticas da criança se firmam, ela consegue organizar, reordenar

frases para torna-las possíveis de compreensão. Outro acontecimento importante da meninice é exposto por Anglin ; Sturm e Seery citado por Boyde e Bee (2011)

Durante a meninice, as crianças também aprendem a manter o tópico de conversação, a criar frases inequívocas e a falar de maneira educada e persuasiva. (Anglin,1993). Todos esses aperfeiçoamentos contribuem para o domínio emergente da conversação por parte da criança em idade escolar. Na idade de 9 anos, a maioria das crianças é plenamente capaz de conversar fluentemente com falantes de qualquer idade, e suas velocidades de linguagem aproximam-se das de adultos. (Sturm e Seery, 2007).

Na meninice temos um alto desempenho da linguagem infantil, a criança é capaz de realizar várias atividades linguísticas, inclusive a persuasão, dessa forma ela consegue manter um diálogo mais construtivo no seu meio social.

5. A INFÂNCIA À LUZ DO DISCURSO DA CRIANÇA

Nesta seção apresentamos os resultados obtidos em nossa pesquisa. Buscando preservar a identidade dos colaboradores atribuímos nomes fictícios ao local em que foi realizada a pesquisa e aos participantes. Evocamos a escola como **Espaço da Criança (EC)**; a professora como **Ana (PA)** e as treze crianças envolvidas, sendo quatro do sexo feminino e nove do sexo masculino. Das treze produções elaboradas pelas crianças analisamos dez, que foram identificadas por letras do alfabeto da seguinte forma: **A, B, C** e **D** correspondem ao nome das meninas. Já **E, F, G, H, I** e **J**, são as identificações dos seis garotos.

Este estudo foi desenvolvido em três momentos distintos, no primeiro fomos à escola para observar qual turma e professora estariam mais aptas a ser nossos colaboradores, assim mantivemos contato com a **PA** que nos passou dicas sobre sua turma, conversamos sobre como as crianças reagem a presença de uma pessoa estranha na sala, ela nos informou que eles interagem bem e não ficariam inibidos. Depois dessa conversa a pesquisadora agendou o dia da aplicação da pesquisa.

Ao chegar à sala saudamos as crianças e como estratégia metodológica a estudiosa fez a seguinte pergunta: **“Quem é criança aqui?”** Todos levantaram as mãos, inclusive a pesquisadora, para espanto dos pequenos, que trataram de informa-la **“Tia não é criança, tia é adulto, tia é grande, tia trabalha”**. Depois ela perguntou **“Vocês gostam de ser criança?”** Então começaram a verbalizar, as respostas gravitavam em torno de: **“Porque não faço nada.”**; **“Porque posso brincar.”**; **“Porque não tenho preocupação.”** entre outras. O último questionamento foi **“Por que você é criança?”**, disseram que **“Porque não sou adulto”, “Porque tenho pai e mãe”** e ETC. Após essa interação as crianças foram orientadas a produzirem uma história para expressarem individualmente sua percepção acerca da infância. Usamos como estratégia a ideia de uma produção textual livre, como eles eram os autores poderiam escrever seus textos da maneira que quisessem, dissemos também que mostraríamos a outros professores, pois eles também desejavam conhecer suas histórias.

Uma vez que as crianças produziram os textos, notamos que utilizaram a linguagem verbal e a não verbal, assim visando não superinterpretarmos os desenhos, atribuindo uma significação àquilo que a criança não representou, realizamos a terceira etapa da pesquisa. Nesta fase, individualmente cada uma das crianças foi chamada pela pesquisadora para ir até a biblioteca, lá conversamos sobre os desenhos. Ressaltamos que para fins de análise as conversas

foram gravadas. Após a realização dessas três etapas obtivemos os resultados que serão apresentados a seguir.

Como é bom ser criança, esse foi o título que a criança **A** deu a sua história, partindo dessa temática afirmativa e positiva ela desenvolveu o seguinte texto:

É bom ser criança porque pode brincar e não tem muito trabalho
Pode fazer muita coisa legal
Pode andar sem preocupação
Pode assistir tv e desenhar

A inicia seu texto falando do ser criança de modo geral, atrelando isso ao brincar, a pouca quantidade de trabalho, a ausência de preocupação e a assistir tv. De acordo com o modo de organização argumentativo proposto por Charaudeau (2016) essa criança expõe seu texto a partir de um fenômeno: *Do quanto é bom ser criança e* por meio da sua experiência quanto criança constrói seu universo explicativo argumentando sobre as dádivas identificadas nessa fase, **A** ao expor a ideia acerca do trabalho nos leva a pensar que a criança pode realiza alguma atividade laboral desde que seja em pouca quantidade. Notamos na articulação do texto a presença do eixo do obrigatório, em que a fala referente ao mundo, ou seja, a asserção de partida **A1** (*É bom ser criança*) tem na asserção de chegada **A2** (**Pode brinca, não tem muito trabalho, faz muita coisa legal, desenha, assiste e anda sem preocupação**) sua conclusão e causa. **A** organiza seu raciocínio argumentativo norteando-o por meio da explicação pragmática, expondo seu argumento em uma cadeia de implicação. Assim a criança é criança porque não possui trabalho excessivo, pode brincar, faz coisas legais, assiste televisão e desenha sendo resguardada pela possibilidade de não possuir preocupação. A seguir apresentamos a capa do livrinho escrito por **A**



Figura 2. Como é bom ser criança

No desenho observamos uma garotinha de olhos fechados e braços abertos. A impressão que temos é de uma criança flutuando, na imagem não percebemos nenhum traço capaz de representar o chão, abaixo dos pés da criança temos uma estrela, símbolo relacionado ao ato de impressionar, se lembrarmos da estrela como astro ela aparece todas as noites e são pontos luminosos marcantes no céu. Vemos também corações e triângulos com o vértice para cima. Um dos corações está acima da cabeça da criança, este ícone é o símbolo histórico das emoções, normalmente associado ao amor. Já o triângulo com o vértice para cima corresponde ao corpo da criança e foi também desenhado do lado direito e esquerdo, contracenando com os corações e estrelas. O triângulo representa o potencial criativo da criança. A garota apresenta ainda pulseiras nos dois braços, sendo a do braço esquerdo roxa e a do direito rosa. Os pés apresentam tornozeleiras, sendo a do pé esquerdo azul e a do direito vermelho. Aparentemente a boneca está calçada em sapatilhas de bailarina. Segundo a criança A, ela escolheu o coração porque ele a faz lembrar do amor, as estrelas devido o céu e o triângulo por conta das pirâmides.

O parágrafo seguinte do texto de **A** apresenta argumentos capazes de justificar o porquê dela ser considerada criança : “Eu sou criança porque não sou adulto/Não precisa trabalhar/ Adulto tem muita preocupação mas criança na” . Neste ponto **A1 (Eu sou criança)** e **A2 (Porque não sou adulto, não preciso trabalha, adulto tem muita preocupação, mas criança não)** são vinculadas pelo universo de crenças da criança, dando indício a Asserção de Passagem, em que a inferência de ser criança é atravessada pela oposição adulto/criança, na qual a existência de um elimina a presença do outro.

Saindo do primeiro momento em que **A** expôs uma argumentação em torno do quanto é bom ser criança, neste segundo momento ela procura justificar sua presença no universo infantil pela definição do ser criança através de uma comparação ao adulto. Para apresentar sua proposta ela utiliza uma composição linear, dando as situações que a faz ser criança, pondo em cena o dispositivo argumentativo da proposição. A primeira justificativa para ela ser criança é porque ela não é adulta; a segunda não precisa de forma alguma trabalhar e a terceira ausência de preocupação.

Um desenho feito por **A** indica a proibição do trabalho em sua vida, nele percebemos uma criança de costas para uma mesa cheia de papéis empilhados, nessa mesa ela desenha um X, para dizer que é proibido. Provavelmente este cenário está associado ao trabalho dos pais da garota. Analisamos isso no seguinte desenho

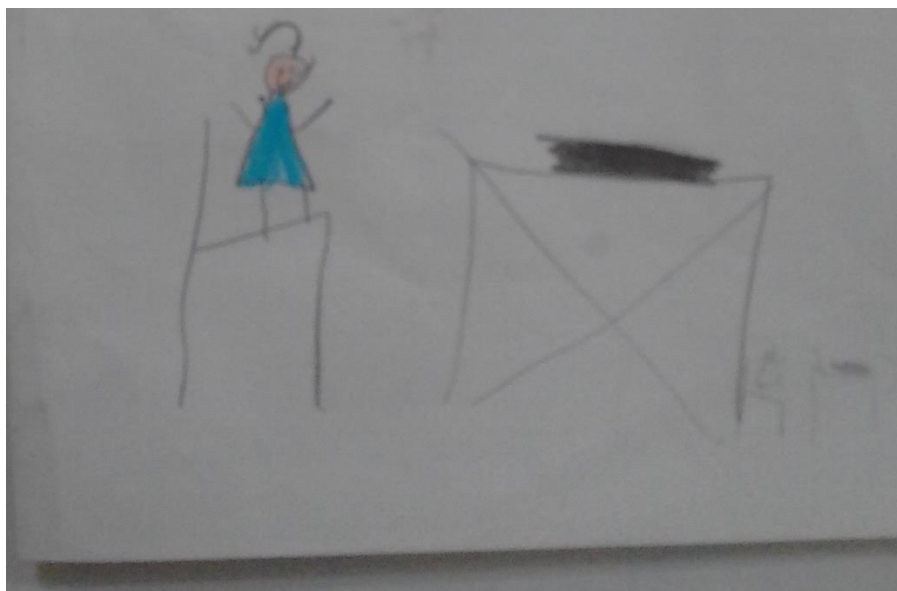


Figura 3 É proibido trabalhar

Percebemos pela organização textual que o trabalho coexiste junto com a preocupação, sentimento não compartilhado pelas crianças, que segundo **A** realizam atividades legais, na ausência de preocupação e na possibilidade de realizar ações diferentes do mundo dos adultos

que não levam a um mal-estar encontramos o caráter persuasivo do texto, ou seja a argumentação sendo encenada por meio do dispositivo de persuasão. Diante dessa articulação da encenação argumentativa identificamos que **A** colocou sua argumentação em uma situação de troca monologal explícita, pois seu texto apresenta a proposta que norteará a proposição, ou seja, seu posicionamento e o quadro persuasivo adotado por ela. A baixo apresentamos as ilustrações feita por **A** acerca do universo infantil



Figura 4 Universo Infantil

O desenho expõe crianças em diversos momentos distintos, em primeiro plano quatro garotas jogando futebol, sendo duas jogadoras com camisas de cor roxa e duas com camisas rosas, tal representação assinala a oposição entre os times. Se observarmos as duas meninas em um primeiro momento mantém uma mesma distância da bola, pois a do time roxo aparentemente aguarda a do time adversário se aproximar da bola. Outro ponto a ser notado é que não há grama, não existe chão e assim como o desenho da capa estes apresentam personagens com braços abertos. Abaixo do cenário do jogo vemos uma garota com os braços abertos em uma estrada deserta, ela dá indícios de desejar atravessar. Abaixo da estrada temos uma garotinha sentada à mesa para desenhar, há traço distintivo para essa ação , a garotinha apresenta o braço direito inclinado indo em direção à mesa. Em um outro espaço, por trás dessa cena há uma garota assistindo desenho, que pela presença de um ambiente natural em que em sua mediação temos um castelo, isso nos faz supor que seja algum filme de princesa. Contrapondo esse desenho aos já apresentados por **A**, diferente dos outros este apresenta chão, revelando dessa forma que as coisas se fixam em algo.

Nosso próximo material de análise é o texto produzido por **B**, cujo título é “*Gosto de ser criança*”. No texto de **B**, diferente do de **A** ela insere um novo componente no seu ambiente infantil, a família, como vemos em sua escrita

Eu gosto de ser criança porque eu posso brincar, ler, não trabalhar, ter, mãe, pai, avós, avós criança não pode trabalhar, eu moro com minha mãe e uma cachorrinha chamada Jady mais eu fico mais com a minha avó e meu vô porque minha mãe trabalha até de noite.

A criança começa seu texto justificando o porquê gosta de ser criança, atrelando o ser as ações citadas por ela, no qual para que um exista há obrigatoriamente a presença do outro. Assim temos como asserção de partida **A1** (**O gostar de ser criança e suas implicações**) que em sua asserção de chegada **A2** (Porque pode brincar, ler, não trabalha, vive com seus familiares) é a conclusão precisa para sua afirmação presente em **A1**, situando sua argumentação no eixo do obrigatório, em que **A1** é a conclusão de **A2**. Nesse texto a asserção de passagem, valor de crenças do indivíduo, é a família, assim a criança se firma como tal quando é vinculada a esta instituição.

O fenômeno **ser criança**, é constituído nas experiências de **B** de acordo com as percepções dela, formulando um universo explicativo, como vimos na **A2** capaz de justificar seu pensamento, articulado pelo raciocínio de explicação pragmática, que se constitui a partir da experiência de **B** quanto criança. Assim ela apresenta sua proposta (**Gostar de ser criança**), tomando uma posição para defender sua ideia, ela traz para sua encenação argumentativa a proposição, isso acontece quando **B** apresenta o porquê dela gostar de ser criança, com esse posicionamento busca convencer seu interlocutor e dotar seu texto de veracidade, apresentando nessa atitude a persuasão. **B** ao articular os dispositivos argumentativos, a Proposta, a Proposição e a Persuasão se apropria de uma situação de troca comunicativa monologal. Outro critério destacado por **B** para ser criança é não trabalhar. Expomos abaixo o desenho de **B**



Figura 5 Família

B apresenta sua família em uma sequência linear, ela está na frente seguida pela avó, avô, a mãe de **B** e a cadela Jady. A garota está mais próxima dos avós porque ela passa mais tempo com eles, como vemos no texto, a mãe já aparece sendo a penúltima da fila segurando a corrente de Jady, isso ocorre porque a cachorra pertence a ela. Ao conversar com **B** sobre o porquê dela ter apenas citado o pai ao escrever e não ter desenhado ele, ela nos informou que este havia falecido. Diante dessa informação percebemos o quanto **B** reconhece a existência do pai na estrutura familiar, porém não o representa nos desenhos por ele ter falecido.

Como ser criança para **B** se inscreve em um meio de vínculos sociais, ela apresenta outra pessoa com quem sua família mantém uma relação próxima, Ravena amiga de sua mãe. Como relata em seu texto: “Minha mãe ela tem uma melo amiga chamada Ravena mas vez ela vai dormi com eu e minha mãe faz churrasco”. Diante da afirmativa da garota percebemos a presença de Ravena em um momento de lazer.



Figura 6 Ravena, eu e mãe

Ao analisarmos a imagem percebemos a garota entre Ravena e sua mãe, nos levando a compreender que **B** compartilha da atenção de ambas, nesta cena também aparece o coração símbolo do amor. Na terceira cena apresentada por **B** ela novamente desenha os avós e a tia Maria (a pessoa que aplicou essa pesquisa), personagem recente na vida de **B**, assim mais uma vez fica evidente a ideia de ser acolhida, de manter relações sociais, vinculando esta ação à infância.



Figura7 B, seus avós e tia Maria

Na cena vemos **B** com seus avós, ela segura a mão da avó e entra na escola, posteriormente se encontra com Tia Maria, de quem gosta, porém não sabe explicar o porquê.

Ser Criança, é a proposta textual de **C**. Ela escreveu um texto justificando as práticas da infância que a faz gostar de ser criança, diferente dos dois relatos anteriores **C** se identifica no decorrer do texto e apresenta sua idade como forma de comprovação da fase da vida que pertence.

Gosto de ser criança porque brinco, estudo com amigas, me divirto em brinquedos nos parques, sou criança por que estou na idade de 8 anos que neste mês completo 9 anos, sou **C** uma criança que me divirto na escola, no recreio brinco.

C apresenta sua asserção de partida justificando o que a faz gostar de ser e quais as ações desenvolvida por esses indivíduos **A1** (**Gosto de ser criança porque brinco, estudo com amigas, me divirto em brinquedos nos parques [...] sou C uma criança que me divirto na escola, no recreio brinco**) já em **A2** conclui ser criança devido sua idade (**[...] sou criança por que estou na idade de 8 anos que neste mês completo 9 anos [...]**). Assim apresenta como asserção de passagem a ideia que a idade é um dos determinantes para identificarmos uma criança, como **A1** encontra sua conclusão em **A2**, situamos essa argumentação no eixo do obrigatório. O fenômeno discursivo **Ser Criança** é baseado na experiência que **C** possui de perceber na idade um requisito para a infância, propondo um universo discursivo em que ela apresenta sua idade como meio de comprovação, e suas atividades preferidas. **C** apresenta todos os dispositivos argumentativos, a proposta (**Ser criança**), seguida pela proposição, ou seja, seu

posicionamento quando ela diz que é criança por apresentar 8 anos e a persuasão, pois estabelece um princípio argumentativo forte e real, pois como bem sabemos a idade nos permite identificar as fases da vida à qual pertence o sujeito. Diante da exposição de **C** temos uma tomada de posição monologal explicativa, porque em seu texto ela apresenta os três dispositivos argumentativo. **C** desenvolve seu raciocínio argumentativo por meio da explicação pragmática, já que a existência da criança implica no gosto pelo brincar, na idade, no ter amigos, em poder estudar e se divertir. Ela não mencionou o trabalho como algo que impossibilita a infância, se quer o mencionou no texto. Um ponto comum entre os relatos é o brincar e a ausência do chão. A seguir apresentamos o desenho feito por **C**



Figura 8. Brincando e Estudando

A imagem apresenta crianças estudando em uma mesa, suas amigas da escola, vemos nitidamente a separação por sexo, comum a esta idade. Temos também **C** brincando em um balanço. Notamos pelo desenho que o balanço não está firmado no chão. **C** continua expondo seu pensamento acerca de ser criança: “Se pudesse seria criança para sempre porque é bom ser criança por que é bom brincar ter muitos amigos e amigas queria viajar para Disney é um sonho . Minha família é muito boa comigo.” Nesta parte do texto de **C** temos um desejo, o de ser criança para sempre, mas ela reconhece que não pode. Esse desejo é uma asserção de partida **A1 (Se pudesse seria criança para sempre [...])** e a **A2 ([...]porque é bom ser criança por que é bom brincar ter muitos amigos e amigas [...])**, de chegada, sua conclusão. Já a asserção de passagem se instala na crença que **C** possui que o lazer e o envolvimento social são típicos e só pertence à infância. **C** também apresenta um sonho de conhecer a Disney, uma

perspectiva de futuro. Em seguida ela fala do quanto sua família é muito boa com ela, abaixo dessa afirmativa ela desenha sua família dentro de um coração. Para compreendermos melhor esse desenho, após sua apresentação faremos a transcrição do áudio em que **C** fala sobre ele.



Figura 9 Minha Família

Aqui é minha família, eu, meu pai e minha mãe. Vai chegar um irmão ou uma irmã pra mim, minha mãe vai ter um bebê. Eu coloquei eles nesse coração pra dizer que a gente é uma família com muito amor. Na entrevista perguntamos a **C** o que seria esse muito amor? E ela nos responde : É porque sou a primogênita, eu nasci primeiro, eu sempre pedia um irmão pra eles, só que ela só veio engravidar agora, como eu sou a primeira meu pai e minha mãe me denega muito. Quando eu pedia um irmãozinho minha mãe falou eu tudo é no tempo de Deus. Então questionei **C**, você entendia o que era esse tempo de Deus? Assim, pra ela engravidar de mim ela teve que tomar remédio, aí desse ela queria engravidar sem tomar remédio por isso que demorou.

De acordo com as informações apresentada por **C** a família está inserida em um coração porque está envolvida pelo amor, diferentes das outras crianças apresentou em sua entrevista aspecto do discurso religioso cristã, identificado na bíblia no livro de Eclesiastes, capítulo três versículos um ao vinte dois, quando a mãe fala para a garota que ela deve esperar o tempo certo para ter um irmão. Outro aspecto revelado por ela é o envolvimento com a família, principalmente quando ela enfatiza que é primogênita e seus pais por conta disso a mimam bastante, esse mimar pode ser compreendido como carinho, muito afeto e diálogo, pois de acordo com a fala de **C** ela conversa com os pais sobre seu nascimento, as histórias de vida.

Partirmos agora para a análise do texto ***Eu gosto de ser criança***, escrito por **D**. Ela apresenta as causas que a faz gosta de ser criança, no título do texto ela expõe o sujeito, não o ocultando, atribuindo a essa performance escrita um valor intenso de certeza. Expomos a seguir o texto de **D**

Eu gosto de ser criança porque criança pode brincar e se diverte .

Eu sou criança porque eu não sou adulto eu gosto muito de ser quem eu sou e meu nome é **D** eu moro com minha irmã meu pai e minha mãe e minha brincadeira preferida é dança das cadeira eu gosto muito de estudo e eu queria ser criança para sempre porque é muito bom ser criança.

D apresenta em um primeiro plano que o gosto de ser criança está atrelado a possibilidade de brincar , de se divertir. Assim ela parte dessa premissa e propõe sua **A1 (Eu gosto de ser criança porque criança pode brincar e se divertir [...])** para chegar em sua certeza, em **A2 (Eu sou criança porque eu não sou adulto, eu gosto muito de ser quem eu sou) .** Essas asserções estão imersas no eixo do obrigatório, já que **A2** é a conclusão de **A1**. Nesta construção discursiva ela evidencia uma percepção acerca da infância baseada na oposição adulto/criança, reafirmando sua preferência pelo universo infantil devido a existência de brincadeiras e da diversão. Revelando dessa forma suas crenças acerca da vida adulta, como uma fase sem prazer, neste ponto notamos a asserção de passagem.

O fenômeno gostar de ser criança é baseado na experiência de vida prazerosa de **D** em torno do brincar e do se divertir, assim seu universo discurso é preenchido por explicações que justificam sua preferência pela infância, mesmo sabendo que esta fase não dura para sempre. Ao se posicionar acerca da temática infância **D** apresenta sua proposta ser criança, a proposição, justificando o porquê ela gosta de ser criança e o que a faz criança, em seu argumento a persuasão é mantida a partir do momento que **D** afirma que gosta de ser como ela é, dessa forma ela se reconhece como criança e aceita essa posição, desejando permanecer nela. Por apresentar um processo argumentativo formado por proposta, proposição e persuasão ela configura sua cena argumentativa em uma situação monologal.

O raciocínio de **D** é pautado na explicação por silogismo (Eu sou criança porque não sou adulta). O desenho exibido abaixo foi elaborado por **D** revela sua aptidão para a leitura, pois ela se encontra em um ambiente natural, rodeada por árvores, se encontra feliz lendo um livro (a identificação do livro foi possibilitada pela entrevista, pois antes de conversar com **D** acreditávamos que ela estava com um celular ou tablete)



Figura 10 Relaxando com um bom livro

Com o texto de **D** encerramos a análise das produções das meninas acerca da infância e partimos para a escritura dos meninos acerca dessa temática. Será que há diferenças? É o que vamos descobrir.

Como é bom ser criança, está produção é de autoria de **E**, um garoto que deixa bem claro em seu texto verbal e não verbal a preferência por aparelhos digitais, neste caso o tablet. A escritura de **E** traz para essa pesquisa, o que até o presente momento não havia sido identificado nos textos produzido pelas meninas, o uso de aparelhos eletrônicos, no caso o tablet, associada a diversão na infância. Esta é a opinião de **E** sobre ser criança : “Eu sou **E** tenho 8 anos ,eu gosto de ser criança por que não fasso nada em casa e jogo no meu tablete. /Eu sou criança por que não sou adulto. Eu também gosto de joga bola.” Vemos que **E** inicia o texto se apresentando e dizendo qual a sua idade, depois expõe o motivo que o faz gostar de ser criança (não faço nada em casa), a infância para este garoto está associada a ausência de responsabilidade e a possibilidade de fazer o que deseja.

E tem como asserção de partida para sua apresentação a motivação capaz de fazê-lo gostar de ser criança e a justificativa para tal, a idade, **A1** (Eu sou **E** tenho 8 anos ,eu gosto de ser criança por que não fasso nada em casa e jogo no meu tablet. [...] Eu também gosto de joga bola) e em **A2** sua conclusão acerca do que é ser criança (**Eu sou criança por que não sou adulto**), pois as práticas apontadas por **E** em **A1** o levar concluir na oposição adulto/criança a fase da vida ocupada por ele, a infância. Dessa forma **A2** é a conclusão de **A1**, **E** ao realizar essa ação situa seu discurso no eixo do obrigatório. Na asserção de passagem temos a crença de **E** na premissa, as crianças não são ocupadas com afazeres.

Ao argumentar **E** apresenta sua proposta como é bom ser criança e se posiciona, ou seja, apresenta sua proposição, manifestando argumentos do tipo a criança não realiza afazeres domésticos, pode brincar e usar o tablete, o caráter da persuasão se inscreve quando pelo seu texto ele nos permite concluir que a criança é livre de responsabilidade e dotada de prazeres, utilizando estes três recursos dispositivos argumentativos **E** apresenta uma situação de troca monologal. **E** desenvolve seu raciocínio argumentativo sobre a infância por meio da explicação por silogismo (Eu sou criança porque não sou adulto). A seguir temos o desenho de **E**



Figura 11 Jogando Bola com meu melhor amigo

Demos esse título a imagem pois, na entrevista ao ser questionado sobre quem eram as crianças que estavam jogando bola, **E** nos respondeu que era ele e seu melhor amigo **H**, que também participou desta pesquisa. Atentamo-nos para o desenho, no campo ele tem mais aspectos referentes a realidade do que o da criança **A**, apresentando o chão e os garotos em posição típica de quem joga bola, porém apenas os dois garotos formam os times adversários, não há goleiro. No segundo desenho de **E** temos um autorretrato, essa informação foi adquirida na entrevista perguntamos quem era o garoto com o tablet na mão



Figura 12 E com seu tablet

Pela imagem percebemos que **E** em seu desenho possui traços físicos de um adulto, e se veste como tal, em nenhum momento **E** relatou que deseja ser criança para sempre, na entrevista nos disse que gosta mais ou menos, porém não justificou, talvez essa postura esteja relacionada à admiração que esse garoto possui pelo mundo dos adultos.

O próximo texto, **Criança**, é de autoria de **F**, este fez questão de se identificar como autor do mesmo, na capa do seu pequeno livrinho desenhou um ⁶emoji, que expressa o prazer diante de algo. **F** escreveu o seguinte texto

Eu sou uma criança muito feliz e eu gosto de ser criança.
— É adoro brincar de esconde-esconde !
— É eu gosto também da minha Família da minha mãe e do meu pai é a minha irmã
— É eu sou F é eu tenho 8º anos
— É eu estudo no ⁷Espaço da Criança

Logo no início do texto **F** faz questão de se definir como autor e demonstrar o quanto se sente bem nessa fase da vida, depois expõe sua brincadeira favorita, o esconde-esconde, e o afeto que possui por sua família em uma ordem mãe-pai-irmã, provavelmente os colocou em uma ordem de importância, **F** também fez questão de expor o local onde estuda. Ao discorrer ele apresenta o fenômeno universal criança e sobre este expõe sua opinião, baseando-a em suas experiências cotidianas (brincar, estudar, ter família) constrói seu universo discursivo sobre a infância.

Ele constrói sua asserção de partida apresentando primeiro seus sentimentos em torno da infância, **A1 (Eu sou uma criança muito feliz e eu gosto de ser criança./— É adoro brincar de esconde-esconde ! /— É eu gosto também da minha Família da minha mãe e do meu pai é a minha irmã)** e consegue implicitamente ao apresentar sua idade concluir o porquê ele é considerado criança, assim temos sua asserção de chegada, **A2 (— É eu sou F é eu tenho 8º anos)**, a asserção de passagem se inscreve à medida que o garoto apresenta suas preferências e idade . Como **A2** é a conclusão de **A1**, temos asserções situada no eixo do obrigatório. **F** apresenta uma proposta acerca da criança, se posicionando em uma proposição, a partir do momento que ele assume ser criança e as situações presentes em seu universo infantil, depois sua idade validando por meio de um argumento o que o faz pertencer a esse, nesta parte temos a persuasão. Ao apresentar esses três dispositivos argumentativos, a situação comunicativa de

⁶ Emoji é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/emoji/>> Acesso em : 20/06/2018

⁷ Nome fictício atribuído a escola

F é monologal, pois ele constrói o todo do seu texto. **F** elabora um raciocínio acerca da infância por meio da explicação pragmática, pois se define como criança por meio das causas. Ele apresentou dois desenhos em seu texto que serão apresentados a seguir, sendo o primeiro um emoji e o segundo **F** em uma montanha, essa última imagem será complementada com a transcrição do áudio obtido na entrevista



Figura 13 Humm... Sou uma criança muito feliz

O emoji é um ícone capaz de representar uma emoção humana, ao utiliza-lo **F** nos faz compreender o quanto essa criança saboreia e sente prazer em sua infância. A presença desse símbolo mostra a influência das mídias digitais na vida da criança, bem como revela seu potencial de intertextualizar suas propostas com suas vivências . Na transcrição do áudio ele nos fala sobre esse desenho

Eu pensei no emoji, aí eu queria desenhar, eu lembrei daquelas carinhas lá do WhatsApp, aí eu botei, eu tenho WhatsApp, mas nem toda vez eu mexo, não gosto de mexer muito, eu prefiro assistir desenhos no Youtube, o mais especial é o do Gravity Falls, é da Disney⁸.

F também fez um desenho no qual aparece refletindo e associando o ser criança a sua pessoa. Esse desenho nos faz lembrar as características físicas de **F**, inclusive o topete.

⁸Gravity Falls – Um Verão de Mistérios (título oficial em português) foi criado por Alex Hirsch, um animador e dublador (famoso por trabalhos como Flapjack, do Cartoon Network) em parceria com uma produção dos estúdios Disney. A história conta as férias de Dipper e Mabel, dois irmãos gêmeos de 12 anos que vão passar o verão na casa do seu tio-avô Stan, um velho rabugento que vive em Gravity Falls, uma cidade cheia de mistérios e criaturas estranhas. Disponível em :
< <http://www.garotasgeeks.com/10-motivos-para-assistir-gravity-falls-uma-animacao-cheia-de-simbologia-e-misterios/> >
Acesso em : 21/06/2018



Figura 14 Ser Criança...Ser F

Na imagem, vemos um garoto em um morro, pensando sobre ser criança, associado ao balão com essa frase temos o nome de **F**. Historicamente o morro e à montanha são locais escolhidos pelas pessoas para refletirem, citamos como exemplo⁹ Jesus, que de acordo com as narrativas bíblicas subia ao monte para orar, refletir. Outra aspecto desse desenho é sua construção imagética, **F** está vestido em uma camisa azul, a cor do céu, e nela temos uma nuvem e um raio; a bermuda dele é verde, cor da maioria das paisagens naturais. **F** nos balões em que há a frase “Ser criança.” ele a circunda de corações, símbolo do amor, envolvendo seu pensamento neste sentimento. Para finalizarmos a análise das produções desta criança expomos sua entrevista explicando o que a motivou a fazer esse desenho:

Isso é menino, eu quis desenhar ele e eu queria desenhar bonito, aí eu desenhei. Ele tá num morro, porque eu queria, pra ficar bonitinho assim, pra tipo tirar uma foto. Ele tá pensando, gostando de ser criança. Diante das informações entrevistadora pergunta: “Esse menino é você ?” Ele responde dizendo que sim. Eu fiz os corações porque o menino tá gostando de ser criança, ele tá no alto do morro olhando a beleza da natureza, na camisa dele tem um raio, botei porque lembro da chuva.

Nosso próximo texto tem como título **Criança**, escrito por **G**, que fez questão de se assumir como autor. **G** nos diz o seguinte: “Sou criança porque não trabalho não pago as conta. Gosto de ser criança porque eu brinco muito, não tenho preocupação. Quero ser criança para sempre.” **Criança** é o fenômeno discursivo apresentado por **G**, assim por meio de suas experiências acerca do que é ser criança e das ações desenvolvidas por elas, ao realizar essa

⁹ Evangelho de Lucas 22: 39 “Conforme o seu costume, Jesus saiu dali e dirigiu-se para o monte das Oliveiras, seguido dos seus discípulos.”
Evangelho de Mateus 14:23 “Feito isso, subiu à montanha para orar na solidão. E, chegando à noite, estava lá sozinho.”

caminhada instala seu próprio universo discursivo sobre a infância (criança não paga contas, não tem preocupação, apenas se diverte).

Ele parte do princípio de ausência de responsabilidade financeira para justificar porque pertence ao universo infantil, apresentando desta forma sua asserção de partida **A1 (Sou criança)** para então chegar então a sua asserção de chegada, **A2 (Não trabalho não pago as conta)**, aqui temos o eixo do obrigatório, pois **A2** é a conclusão de **A1**. A asserção de passagem é baseada na crença que as crianças são livres de responsabilidades.

Outra afirmação realizada pelo garoto está relacionada ao quanto gosta de ser criança, assim sua **A1** para este caso é **(Gosto de ser criança porque eu brinco muito, não tenho preocupação.)** e **A2** representa sua conclusão **(Quero ser criança para sempre.)** a asserção de passagem deste caso é baseada no bem está que pertence somente a infância, sair desta fase para essa criança é abrir mão desse gozo. Tanto o primeiro grupo de asserções, quanto o segundo está situado no eixo do obrigatório, já que a conclusão de **A1** é **A2**.

G mantém uma postura comunicativa denominada de monologal, pois situamos em seu discurso os três dispositivos da argumentação, a proposta (criança), a proposição (crianças estão livres de responsabilidades financeiras, não possuem preocupação) e a persuasão (não existe outra fase da vida capaz de proporcionar esse gozo, assim é preferível ser criança para sempre). Ele desenvolve sua argumentação se apoiando no raciocínio explicativo pragmático, pois a baseia em sua experiência de vida. Ressalto que na entrevista **G** disse gostar de ser criança porque tem sua mãe. Abaixo apresentamos o desenho feito por **G** para ilustrar seu texto e a explicação dada por ele na entrevista



Figura 15 Capitão América, e eu jogando bola com meu amigo

Esse aqui é o Capitão América, isso aqui é uma casa, eu gosto de desenhar o Capitão América porque ele é legal, ele é dos Vingadores, da Marvel, da Tv. Ele conseguiu um escudo batalhando...esqueci o nome dele. Os jogadores estão jogando futebol, estão a cima da casa porque não coube no espaço. Eu

gosto de fazer, casa, arvores. Essa casa é assim porque ela em dois andar, e parece com a casa do meu amigo, a minha casa também é assim.

Como vemos na imagem o garoto representou momentos do seu cotidiano, e a admiração que tem pelo Capitão América, do filme ¹⁰Os Vingadores, e ao seu amigo, tendo em vista que ele também mora em uma casa de dois andares, entretanto preferiu desenhar a casa do amigo. Ao capitão América ele atribuiu uma significância de vitória, heroísmo, poder.

Nosso próximo texto foi escrito por **H** e tem seu título formulado com base em uma pergunta **Como eu gosto de ser criança? Eu gosto de ser criança**, isso nos levar a compreender que não há uma etapa neste processo, que ele não goste. Assim, por meio do título **H** propõe sua primeira asserção, se ponto de partida para argumentar acerca da infância, **A1** corresponde (**Como eu gosto de ser criança?**) e sua conclusão se encontra em **A2 (Eu gosto de ser criança)**, dispomos de uma asserção de passagem baseada na crença que o bom é ser criança, não importa o momento, essas asserções se encontram no eixo do obrigatório, pois **A2** é a conclusão de **A1**.

Dispomos de um fenômeno discursivo acerca do ser criança justificado por meio da experiência do gostar, construída em um universo discursivo baseado na questão do ser criança como um privilégio. No título do texto **H** apresenta os três dispositivos argumentativos, a proposta quando nos fala do gostar der criança, a proposição quando nos justifica dizendo: gosto de ser criança, e a persuasão no momento em que nos leva a pensar que independente da circunstância o relevante para ele é ser criança. Ele norteia seu raciocínio através da explicação pragmática, pois esta é baseada em suas vivências. Em torno do título do texto **H** desenhou estrelas e corações, quando perguntei a ele o porquê na entrevista, ele me respondeu que as estrelas lembram o céu e os corações seu amigo, **E**, que também participou desta pesquisa. A ligação entre os desenhos, que aparentemente é um caminho, **H** não soube explicar. A seguir expomos o desenho feito por ele

¹⁰ Em Vingadores – Guerra Infinita (Avengers – Infinity War), Thanos, cansado de ver seus capangas derrotados, lidera pessoalmente seu exército em busca das joias do infinito, que lhe darão controle total sobre o universo e a realidade. E, no caminho, enfrentará quase todos os heróis da Marvel. Disponível em : < <http://www.universohq.com/filmes/resenha-Thanos-e-o-destaque-de-vingadores-guerra-infinita/> > Acesso em : 22/06/2018

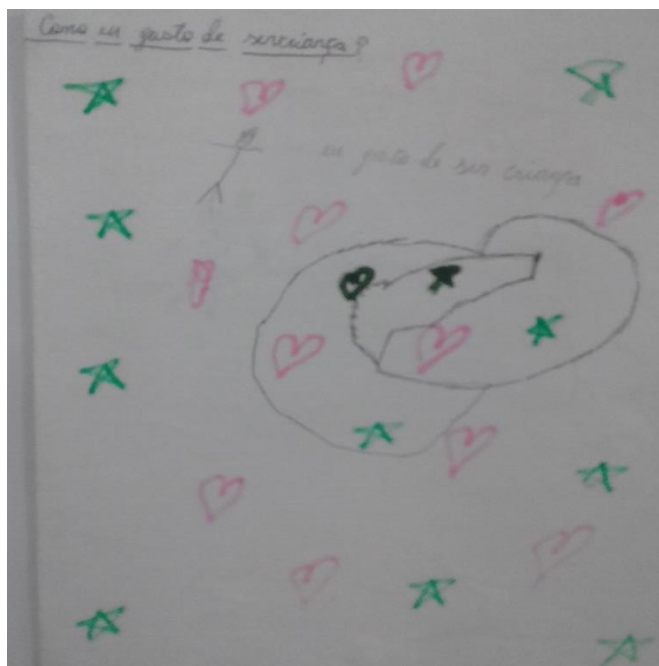


Figura 16 *Eu gosto de ser criança*

Ao discorrer seu texto, **H** se apresenta “Eu sou **H** tenho 8 anos . Eu gosto de jogar vídeo gameime .” O garoto diz quem é, expõe sua idade, nos permitindo inferir a importância dela como um meio de identificação, em seguida revela que gosta de jogar vídeo game, tendo preferência pela série de jogos GTA, no texto ele desenhou esse momento, articulando o verbal e o não verbal, a imagem é exposta a seguir .

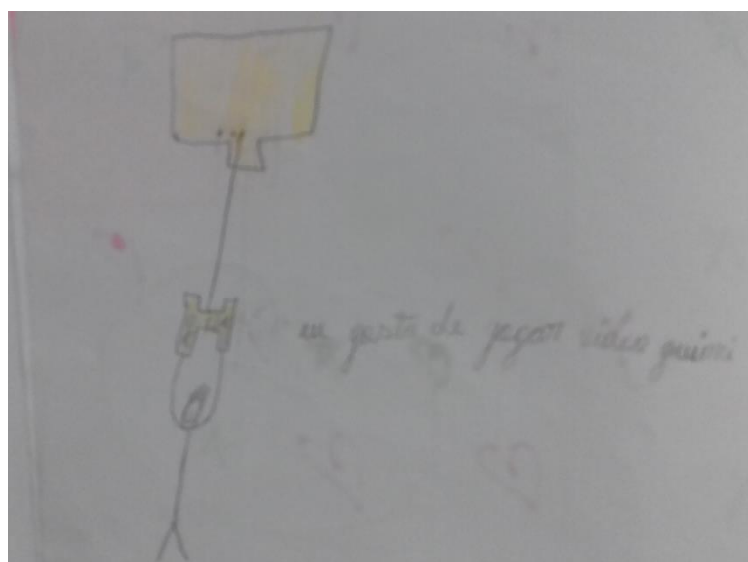


Figura 17 *Jogando vídeo game*

Esse momento é especial para **H** e não ocorre com frequência, pois o uso do aparelho é controlado por um adulto, obtivemos essa informação quando na entrevista perguntei se ele

jogava muito, **H** nos deu a seguinte resposta “Jogo de mês em mês, porque minha mãe diz que é pra não viciar.” Outro desenho exposto pelo garoto foi o Homem de Gelo

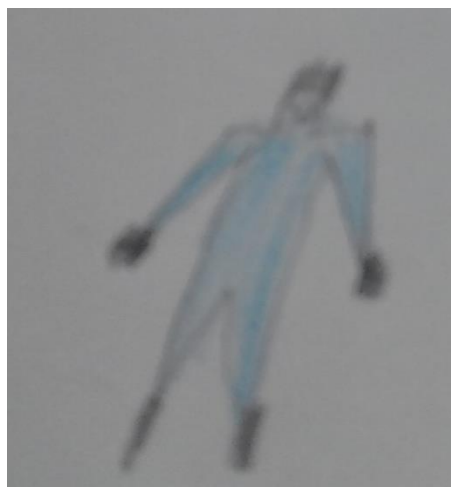


Figura 18 Homem de Gelo

Esse desenho não foi nomeado pelo garoto **H**, sabíamos que era a representação de algum personagem de desenho animado, sua identificação só foi possível na entrevista, quando ele nos informou que era o Homem de Gelo, justificando a presença dele no texto devido à semelhança comportamentais compartilhada entre eles, **H** diz “ É o Homem de Gelo, ele é corajoso, salva o mundo jogando gelo nos bandido, ele é a dupla do Homem Aranha e da mulher Flama” . Percebemos a identificação do garoto com esse personagem mantida devida as ações heroicas realizada por ele.

O último enunciado do texto de **H** é esse “Eu gosto de ser criança porque eu brinco. Gosto de ser criança porque eu vejo minha mãe.” Nesse enunciado temos como ponto de partida, **A1** (Eu gosto de ser criança) e sua conclusão, **A2 (Porque eu brinco/Porque vejo minha mãe)** e como asserção de passagem a crença do motivo de gostar intrinsecamente relacionado a dois fatores, ao brincar e a sua mãe. Aqui **H** realiza algo diferente de algo que propôs no título do texto, que independentemente da situação ele mantinha o gosto pela infância. Essa afirmativa nos permite inferir sobre esses dois aspectos o princípio de identidade definido por **H** para se reconhecer quanto criança. Na entrevista quando perguntamos sobre sua mãe, ele respondeu “ Eu vou pra casa dela de noite, aí de manhã eu venho pra cá (escola) e depois vou pra casa do meu vô. ”

I, não estabeleceu um título para o seu texto apenas o começou, um começo capaz de nos instigar a fazer o uso de reticências para apontar uma suspensão de pensamento ou até de uma interrogação para indicar uma pergunta. **I** escreveu o seguinte “ Porque gosto de ser criança/ Porque eu poso brinca com meus amigos de bola/I eu gosto de ser criança porque eu

moro com minha família.” O fenômeno gostar de ser criança é exposto por **I** atrelado a suas experiências de brincar e estar com sua família, ao se apropriar delas ele constrói seu universo discursivo acerca do que o faz gostar da infância. A asserção de partida, **A1 (Gostar de ser criança)** quando ele apresenta as causas desse gostar, levando-o a conclusão, **A2 (Porque eu posso brincar com meus amigos e moro com minha família)**, a crença do garoto em relacionar o ser criança e conseqüentemente o gostar a um núcleo familiar e a possibilidade de brincar constitui a asserção de passagem. Em **A2** encontramos a conclusão de **A1**, logo situamos essas asserções no eixo do obrigatório.

I apresenta no texto os três dispositivos argumentativo, a proposta gostar de ser criança, a proposição, quando apresenta a família e o brincar como causas do seu gostar, e a persuasão ao associar o gostar da infância a esses dois fatores, é como se excluíssemos um desses a **I** seria negado o gozo pela infância. Por possuir esses três elementos temos uma situação monologal, pois o texto evidencia os dispositivos argumentativos. O garoto organizou suas ideias se apoiando em um raciocínio de explicação pragmática. Ele expôs no texto dois desenhos, um retratando um jogo de futebol e o outro sua família.

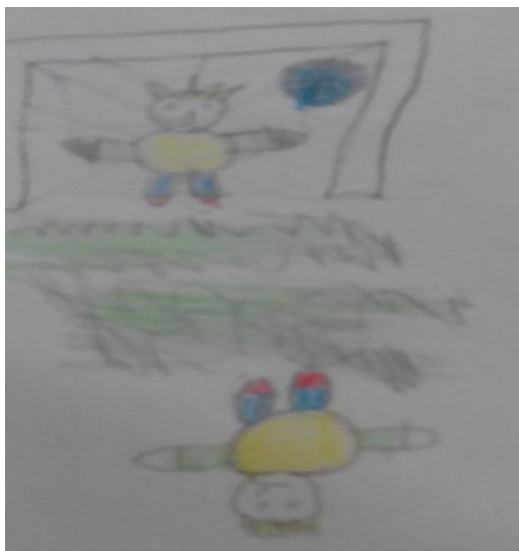


Figura 19 Jogando bola com meu amigo

Pela imagem percebemos que a roupa dos jogadores apresenta as mesmas cores, indicando que eles pertencem ao mesmo time, que segundo **I** é a Seleção Brasileira, a adversidade se constrói na possibilidade de fazer o gol, provavelmente estão treinando a defesa e o ataque, pois à medida que o jogador (**I**) lança a bola rumo ao gol, o goleiro (amigo) treina suas habilidades de defesa e o jogador as de ataque. A postura de ambos é semelhante, pois se encontram de braços abertos. No segundo desenho **I** apresenta sua família



Figura 20 Minha Família

Na representação temos uma casa com a porta pequena e uma janela grande, a porta representa o acesso ao interior do recinto, o seu tamanho nos induz a pensar em uma entrada e saída restrita, em compensação a janela é larga, possibilitando quem está dentro da casa visualizar quem está do lado de fora. A família é organizada da seguinte forma da esquerda para a direita: **I**, mãe, vovó, primo, vó, tio. Interpretamos que a disposição dos membros da família em fila está relacionada à proximidade deles com a criança, tal suposição foi confirmada na entrevista, quando ele diz “ Minha mãe tá primeiro porque eu gosto muito, muito dela... Meu tio é o último, porque ele é um pouquinho legal, porque às vezes ele fica com raiva.”

Questionamos **I** dizendo que faltava uma pessoa na composição familiar, no caso o pai do garoto, ele nos deu a seguinte resposta “Mais como! Meu pai nem mora com eu. Ele não faz parte, é por causa que quando eu era criança eles se separaram, aí minha mãe foi morar na casa do meu avô.” De acordo com a resposta de **I**, percebemos que ele limita o conceito de família às pessoas que convivem com ele em sua casa, como o pai não reside com ele, não faz parte da família.

¹¹**O que é ser criança?** texto escrito por **J**, traz uma breve apresentação do garoto e do que ele gosta de fazer e por último sua justificativa para ser criança. **J** escreveu “ Minha

¹¹ Este título não foi apresentado do jeito que a criança escreveu, no original temos: “uque e ce criança”. Algumas palavras também não, fizemos isso para facilitar a compreensão do texto.

brincadeira preferida é pega-pega e cola e bola. Eu moro com meus pais e com meu irmão. Eu sou **J** e moro com minha família porque sou criança porque moro com meus pais.” O fenômeno apresentado por **J** é criança-família, este tem uma visão em que ambas são indissociáveis, assim constrói um universo discursivo em que ser criança exige a existência de um família.

Em sua escritura **J** começa apresentando as brincadeiras que mais gosta, depois apresenta sua família, e só após isso diz quem ele é, definindo-se dessa forma como criança por meio do brincar e do elo mantido com a família. Percebemos isso nas asserções, sendo a asserção de partida **A1 (Eu sou J e moro com minha família)** e de chegada, **A2 (Porque sou criança porque moro com meus pais)**, a asserção de passagem apresentada por **J** se firma na possibilidade de ter uma família e de residir com os pais um requisito básico para a constituição do ser criança. **A2** é a conclusão de **A1**, situando dessa forma a argumentação no eixo do obrigatório. **J** apresenta em seu texto os três dispositivos argumentativos, a proposta ser criança, a proposição sou criança porque tenho uma família e moro com meus pais e a persuasão não existe criança sem família, a presença desses três elementos configura a situação de troca monologal, tendo seu raciocínio argumentativo pautado na explicação pragmática, já que se apoiou em sua vivência para argumentar. Abaixo apresentamos os desenhos feitos por **J**

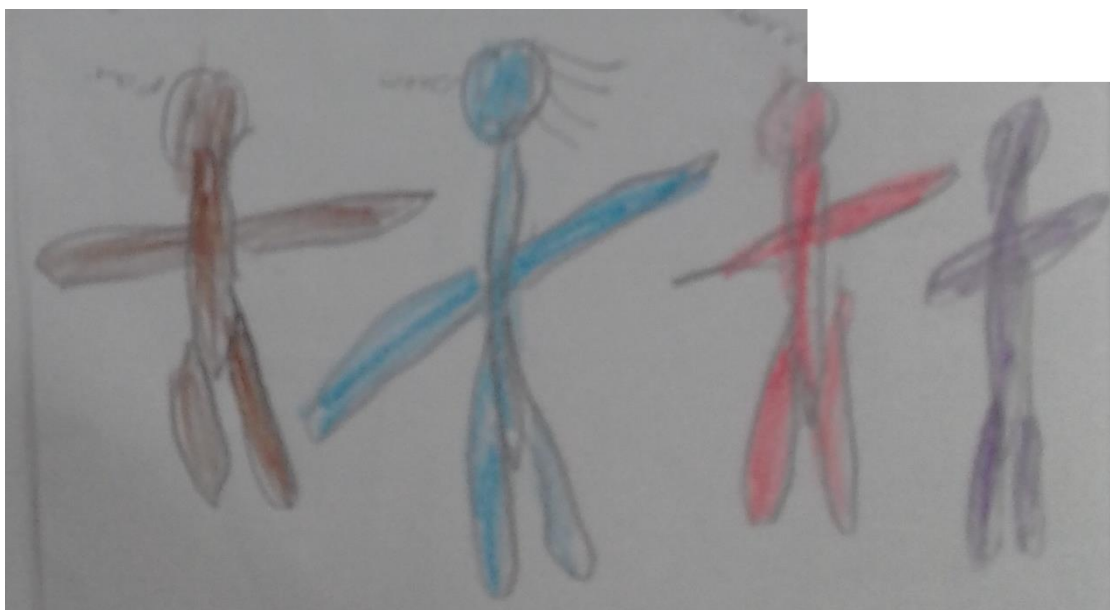


Figura 21 J e sua família

No desenho **J** apresenta sua família, da esquerda para direita temos, o pai, a mãe, **J** e o seu irmão caçula. Vemos que a representação do pai é o menor desenho, porém ele é o primeiro da fila, indicando a liderança sobre os demais, a mãe já é a segunda e os garotos **J** e seu irmão foram expostos de acordo com a idade. Os pais se encontram à frente dos filhos, essa representação remete à ideia de proteção. No próximo desenho temos **J** brincando



Figura 22 Jogando Bola



Figura 23 Andando de Skate

Mesmo tendo irmão, **J** aparece brincando sozinho, na figura **21** ele está jogando bola em um uniforme nas cores verde e amarelo, nos fazendo lembrar da Seleção Brasileira de Futebol. Nos três desenhos não há representação do chão, os personagens se encontram de braços abertos, é como se estivessem flutuando. Por meio da imagem ele inseriu uma informação nova, sua preferência pelo skate. Com o texto de **J** encerramos nossas análises individuais acerca das produções das crianças e partimos para nossas considerações.

Os discursos produzidos pelas crianças mantêm uma interação entre si, principalmente em torno da temática, são percebidos por meio da unidade não tópica formação discursiva temática no campo das entidades, tendo em vista que esta pesquisa tem como foco um momento comum a vida dos seres humanos, a infância, sendo esta situada em um momento histórico, social e biológico. Assim, após as análises dos textos nos deparamos com uma formação discursiva acerca da infância vinculada ao ato de brincar; a ausência de responsabilidade e preocupação; ao amparo familiar; ao lazer, algo impossível aos adultos e um desejo, reconhecido como inalcançável por eles, o de ser criança para sempre.

Essa formação discursiva temática de entidade, apresenta elementos capazes de nos fazer pensar acerca da percepção que as crianças possuem dos adultos, pois ao se identificarem como criança, desejam permanecer nessa fase, pois veem no universo dos adultos uma série de problemas capazes de minar suas expectativas.

Outro fato que nos chamou a atenção foi a vinculação do ser criança a família, sendo a família um pré-requisito de existência para sua infância, entretanto nos atentemos para um

detalhe, família é quem convive com a criança, caso você tenha um filho e não more com ele, provavelmente você não está incluso na percepção dele de família.

A infância também é influenciada pelo uso dos meios eletrônicos, sendo algo visível nas produções dos meninos, nas quais foram apresentados o tablet e o uso do WhatsApp. De acordo com o que observamos os desenhos animados e os aparelhos eletrônicos exercem mais influência sobre eles, pois fizeram o uso de personagens para representá-los e afirmaram possuir aparelhos eletrônicos, tablete, celular e vídeo game. Enquanto apenas uma garota fez um desenho assistindo TV.

Notamos também que a percepção da criança como alguém dependente, é mantida por eles quando assumem, por exemplo, que gostam de ser criança porque não possuem preocupação ou ainda por residirem com suas famílias, retomando os ideais de infância presente em outros momentos históricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância é retratada pelas crianças a partir de suas experiências de vida, são norteadas principalmente pelo vínculo familiar, notamos isso quando um dos colaboradores dessa pesquisa diz gosto de ser criança porque vejo a minha mãe, e o momento que este garoto fica sem o amparo de sua genitora, como ele se sente?

Propomos este questionamento para fazermos uma reflexão acerca dessas e de outras afirmativas em torno da importância da família para que as crianças se percebam como tal, pelos discursos produzidos por elas a existência da família possibilita a da criança. A ausência da família exclui o ser criança.

Ser adulto não é algo almejado pelas crianças, pois como elas afirmam, os adultos trabalham, tem preocupação e as crianças podem brincar, ter amigos. Eles criam uma oposição entre esses dois universos, sendo capazes de por meio dela justificar suas escolhas, a preferência por ser criança e se possível permanecer nessa fase.

Nas produções das crianças elas representam suas atividades favoritas, como por exemplo jogar bola, balançador, assistir televisão. Quando desenham suas famílias, posicionando os membros de acordo com a afetividade que os unem. Em seus desenhos os meninos apresentaram com mais frequência momentos com os amigos.

Por meio da Análise do Discurso, conseguimos realizar uma coleta de dados capaz de analisar a percepção da criança acerca da infância. Outro fator que possibilitou a análise desse corpus foi a escolha de uma fase da infância denominada de meninice, ela vai dos seis aos doze anos, neste período a criança já possui um senso avaliativo mais aguçado. Confessamos que não imaginávamos que o discurso acerca da infância estaria intrinsecamente relacionado à família, apostávamos mais na questão do brincar, bastante citado pelas crianças.

REFERENCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família** -2ed. Rio de Janeiro : LTC, 2016.
- BEE, Helen. BOYDE, Denise. **A Criança em Crescimento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2016.
- KAIL, Michèle. **Aquisição da Linguagem** . São Paulo: Parábola, 2013.
- KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita**: Uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola,2015.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. Campinas-SP : Pontes, 2015.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Maria José Lima,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A infância is due do discurso
da criança
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 11 de outubro de 2019.

Luciana Maria de Aguiar

Assinatura

Maria José Lima

Assinatura